

# PESQUISA

## Aspectos Psico - sociais da Religiosidade no Estado da Guanabara

*Com os agradecimentos a todos que com sua  
colaboração possibilitaram a execução e a  
apresentação desta investigação.*

*Rio de Janeiro, maio 1974.*

O aprimoramento da ação pastoral, à semelhança da educação, está em função bastante direta do conhecimento que o pastor, o educador, tem do nível de maturidade, do grau de maturidade, do grau de receptividade de seus fiéis, dos seus educandos. O conhecimento da realidade do terreno contribue significativamente à boa colheita. Oferecer uma contribuição aos pastores e responsáveis da ação pastoral sobre a situação religiosa da Guanabara, foi o primeiro motivo que nos levou a empreender o estudo que segue. Iniciada em 1972, e terminada a colheita dos dados em janeiro de 1973, a análise dos resultados demorou além do previsto. Espera-se, contudo, que sua publicação ainda não perdeu a importância.

Numa investigação, um dos caminhos a seguir é a colheita do maior número de respostas sobre os mais variados aspectos do campo estudado. Não conhecendo fora dos dados do censo do IBGE nenhum estudo empírico de maior envergadura sobre a religiosidade no

Estado da Guanabara, estávamos tentados a seguir este rumo. Correr-se-ia, contudo, o risco de uma dispersão grande, tanto da colheita dos dados quanto em sua análise. Os estudos feitos por Pedro A. Ribeiro de Oliveira\* sugeriam outro encaminhamento: partir das conclusões obtidas por este investigador e estudar em que medida elas se verificam no Rio de Janeiro. A pesquisa talvez será mais restrita, mas poderá ganhar em precisão. Sem excluir alguns aspectos exploratórios, optamos pela segunda linha de investigação. Tanto mais que o ensaio, originalmente, deveria servir também como parte de uma disciplina destinada aos alunos do curso de Mestrado em Teologia Pastoral da PUC-RJ. Estávamos interessados em enfatizar, para a informação dos sacerdotes e agentes pastorais, a importância de investigação não somente de tipo exploratório, mas de teor mais rigoroso, i.é., em que se formulam hipóteses, elaboram os instrumentos adequados a sua confirmação ou rejeição.

Seguindo modelos estatísticos simples, mas de precisão maior do que os critérios costumeiros na nossa ação pastoral. Em outras palavras, estávamos preocupados em verificar se o emprego das técnicas utilizadas nas ciências sociais poderá trazer ou não uma contribuição real para o conhecimento mais preciso da realidade pastoral, e conseqüentemente para servir de fundamento nas decisões ulteriores. A elaboração do questionário anexo foi definido por estas premissas. Apresentaremos, portanto, sucintamente: 1) as linhas de pensamento de Pedro A. Ribeiro, 2) as hipóteses formuladas para nossa investigação, e as questões de caráter exploratório, 3) instrumento e metodologia utilizados, 4) os resultados obtidos e sua análise, e 5) algumas reflexões finais sobre a ação pastoral.

## 1. O CATOLICISMO POPULAR NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

Pedro A. Ribeiro de Oliveira, na qualidade de coordenador técnico e ao mesmo tempo diretor da investigação do setor brasileiro, executou uma pesquisa a pedido da Conferência Episcopal Latino-

---

\* As principais publicações de Pedro A. Ribeiro de Oliveira, sobre este tema são:

Oliveira, P. A. Ribeiro: *Catolicismo Popular no Brasil*, Rio de Janeiro, CERIS, 1970 (CPB).

— *Catolicismo Popular na América Latina*, Rio de Janeiro, FERES-AL, 1971 (CPAL).

— *Religiosidade Popular na América Latina*, REB, 1972, 32, pp. 354-364 (RPAL).

Serão citados pelas abreviações indicadas nos parêntesis.

-Americana, sobre o catolicismo popular no Brasil e sobre o catolicismo popular na América Latina. O estudo, de cunho sociológico, utiliza, de um lado, a bibliografia publicada sobre o assunto, e de outro, informações colhidas através de entrevistas. Na parte brasileira foram escolhidas duas dioceses: Lins (SP) e São João del Rei (MG) e analisadas 388 entrevistas. O estudo da literatura existente sobre o assunto ao mesmo tempo que a reflexão sobre os dados obtidos pelas entrevistas, levam Pedro Ribeiro de Oliveira ao uso da noção de "constelação" como melhor caracterização da religiosidade popular na América Latina. "A noção de constelação que aqui empregamos deriva daquela usada na linguagem corrente para a observação das estrelas. Tomando o conjunto total de elementos do Catolicismo como se fosse o céu estrelado, procuramos nele agrupamentos de atos, crenças e valores que correspondem às estrelas, que nos permite perceber no todo até então indiferenciado conjuntos significativos, que são as constelações" (p. 15 do CPAL). Vendo o que a pessoa faz sob o ponto de vista religioso, o cientista se preocupa em agrupar a diversidade das práticas religiosas, assim como, encontrar uma explicação de sua unidade na diversidade. "Em vez de analisar as características de cada ato, tomado isoladamente, perguntamos: o que faz com que dois ou mais atos se apresentem como afins? Ou, em outras palavras, o que dá afinidade a conjuntos de atos? A resposta estaria em que os atos de uma mesma constelação expressariam um mesmo arquétipo (isto é, modelo padrão) do relacionamento do homem com o sagrado" (ib. p. 17). "Uma constelação consistente, portanto é aquela em que a prática constante de atos religiosos atesta a presença de um princípio nuclear no qual se crê" (CPB p. 28).

Pedro Ribeiro de Oliveira, chega à conclusão que no catolicismo podemos distinguir 4 constelações principais, duas das quais predominam no catolicismo popular brasileiro e latino-americano. As quatro são: constelação sacramental, evangélica, devocional e protetora. As duas últimas caracterizam o catolicismo popular na América Latina, ou melhor, "A definição de Catolicismo popular que propomos, é a de um catolicismo no qual as constelações, "devocional e/ou protetora", ocupam o lugar central da vida religiosa, relegando a plano periférico a constelação "sacramental". Nesta definição a palavra "popular" não supõe uma caracterização de camada social inferior ou inculta, nem necessariamente a caracterização de maioria da população estatisticamente considerada. O catolicismo em que a posição relativa das constelações é alterada em prejuízo da constelação "sacramental" é por nós chamado de "popular" porque esta palavra se contrapõe a "doutrinal" (CPAL p. 23).

A constelação sacramental "tem como traço essencial o envolvimento do fiel na organização da Igreja, pois só esta tem a

autoridade para a distribuição dos Sacramentos. É também marcante, nesta constelação, o caráter cultural, não utilitário dos atos praticados: os Sacramentos têm como finalidade intrínseca o estabelecimento ou o reforço da relação de filiação do homem a Deus, com toda a riqueza e todas as conseqüências que esta filiação implica no plano moral" (CPAL p. 18).

"O catolicismo é mais do que uma relação ritual entre o homem e o sagrado: existe também nele uma forma de comunicação entre Deus e o homem pela Palavra Revelada, e a aceitação por parte do homem da Palavra, é, sem dúvida, um caminho de vida religiosa próprio ao Catolicismo e a outras religiões da tradição judaico-cristã. É mesmo bastante provável que em torno da leitura, meditação, aceitação e vivência da Palavra de Deus exista uma verdadeira constelação de atos tão consistentes quanto as outras três já mencionadas" (ib. p. 19). Esta constelação, chamada por Comblin de "Constelação da Palavra", é denominada por Pedro A. Ribeiro de Oliveira como "Constelação Evangélica".

Quando o catolicismo tem por característica principal a relação direta com o sagrado pessoal com fim em si, estamos frente à constelação devocional. "Seu traço essencial é a crença em seres sagrados pessoais com os quais se pode estabelecer relação de amizade entre duas pessoas. Os atos que realizam esta relação direta e pessoal podem ser individuais — oração, novena de louvor, expressões de piedade diante da imagem do "santo", etc., ou coletivas — festas, comemorações, procissões, etc., mas em quaisquer de suas formas servem para expressar uma devoção que traz benefícios de ordem meta-empírica" (ob. cit. p. 18). Os seres sagrados na linguagem popular são chamados "santos", apesar de às vezes ser o "santo" a "Eucaristia", a "Santíssima Trindade", etc.

Finalmente, quando a relação direta com os seres sagrados visa antes de tudo a obtenção de benefícios de ordem empírica, estamos no âmbito da constelação protetora. "Seu traço marcante é a submissão do fiel à proteção de entes sagrados para que estes intervenham em seu favor nas dificuldades deste mundo: doenças, desastres, calamidades, problemas afetivos e familiares, falta de trabalho, etc. Esta constelação se distingue, fundamentalmente, das duas outras por sua finalidade utilitária. Por outro lado assemelha-se à constelação "devocional" enquanto estabelece uma relação direta entre o homem e o sagrado, sem necessária mediação da organização da Igreja, que encontramos na constelação "sacramental" (ib. p. 19).

Todas as quatro são constelações legitimamente católicas, na concepção de Ribeiro de Oliveira, se bem que a subordinação das últimas às duas primeiras seja "enfraquecida" (p. 19).

Tomando por critério inicial da constelação sacramental a participação semanal na missa, Ribeiro de Oliveira encontraria 44,5% dos interrogados com esta constelação — na zona urbana das cidades investigadas. Entretanto, segundo ele, para que se possa falar da constelação sacramental a participação na missa semanal deve ser completa, isto é, incluindo a comunhão. Assim porém somente 14,4% pertencem a esta constelação. — 82,5% são portadores da constelação devocional, 75% da constelação protetora e 7,5% foram classificados como “inconsistentes”.

Entretanto o dado principal deste quadro é a ausência da constelação evangélica. Não foi encontrado nenhum católico que se revelasse, espontaneamente, portador dessa constelação, nas duas cidades onde foi realizada a investigação por Ribeiro de Oliveira (RPAL, p. 361).

Este resultado indica que a maioria das pessoas vive o catolicismo em nível e forma mui pouco eclesial, no sentido mais pleno da palavra, isto é, sacramental ou evangélica.

## 2. AS HIPÓTESES DA PESQUISA

A partir das observações de Ribeiro de Oliveira surgiram as perguntas de nossa investigação:

a) Predominam as mesmas constelações e em proporções iguais também no Rio de Janeiro ou será que a metrópole transforma a religiosidade do homem? A transformação poderia assumir duas direções principais: de um lado cresceria o número daqueles que rejeitam a religiosidade em forma popular eliminando a religião de sua vida, isto é, tornam-se ateus, e do outro lado aumenta a proporção dos que assumem a vida católica nas constelações nucleares, isto é, sacramental e evangélica. Em outras palavras: o “secularismo” diluiria a fé popular levando ao abandono de uma fé talvez genuína, mas ingênua, ou pelo contrário, se constituiria num estímulo fortificante para atingir uma fé sempre mais adulta?

b) O nível econômico das pessoas influe na sua religiosidade? Ribeiro de Oliveira não analisou esta influência porque no interior não se fala tanto de classes sociais. Concretamente pode-se perguntar se nas pessoas pertencentes às classes mais abastadas diminui a religiosidade popular? A acentuação das tendências de superar as formas da religiosidade popular será bem maior do que nos mais pobres? Estes últimos estarão mais semelhantes em seu comportamento religioso, aos habitantes das cidades do interior?

c) A formação religiosa diferencia as constelações religiosas nas pessoas? Os que tiveram formação mais prolongada vivenciam mais uma constelação sacramental ou evangélica?

d) Conforme o grau atingido nas diversas constelações, as pessoas mostrarão maior ou menor aceitação das modificações recentemente verificadas na Igreja?

Em outros termos: os que têm maior grau de constelação protetora ou devocional, não aceitarão facilmente estas modificações, e/ou as pessoas que vivem em maior grau de religiosidade sacramental ou evangélica indicarão menor resistência para com estas modificações?

As hipóteses indicadas sugerem a formulação de outras questões que também poderiam servir para explorar novas áreas da vida religiosa das pessoas consultadas. Apareceram, assim perguntas que têm características exploratórias, i.é., não diretamente decorrentes das hipóteses anteriores: quem é Jesus Cristo para as pessoas? Qual é a influência da Igreja na vida? Qual é a influência da idade (jovens e velhos) para estas questões?

### 3. O INSTRUMENTO E A METODOLOGIA UTILIZADOS

A entrevista menos estruturada, mais livre, empregada por Ribeiro de Oliveira, facilita os primeiros passos de caracterização de um fenômeno. Sua quantificação, contudo, é bastante difícil. Desejando saber o grau das constelações (cf. a hipótese "d") optamos para o uso do questionário elaborado, em que diversas constelações fossem expressas por itens pertencentes ao mesmo "continuum" (ver anexo I, o questionário empregado). As perguntas 1, 3, 6, 8 e 9 incluem um item para cada uma das quatro constelações. Assim, o grau das constelações pode variar de 0 até 5. — Nas mesmas perguntas incluímos itens que constituiriam uma outra (quinta) constelação, ao nosso ver bastante importante e freqüente na vida religiosa brasileira: constelação "tradicional". Supõe-se que haverá um bom número de pessoas que vivem sua vida religiosa não tanto para pedir proteção, nem para entrar em contato pessoal com seu protetor, menos ainda porque assumiram a mensagem cristã ou sua presença contínua na vida da comunidade através dos sacramentos, mas simplesmente porque assim "aprenderam", porque "seus pais eram católicos", porque este é o "costume"; será uma 5.ª constelação: o catolicismo tradicional.

Desejando um indicador mais direto das constelações, para poder comparar nossos resultados com os de Ribeiro de Oliveira, inclui-

mos as perguntas 2, 4, 7 e 10. Uma resposta ao item "a" destas perguntas revelaria a presença ou não da constelação protetora, devocional, sacramental e evangélica, de forma concreta.

As perguntas 5, 13, 15 e 18 têm caráter mais exploratório, assim como os itens b, c e d das perguntas 2, 4, 7 e 10. — O grau de formação religiosa da pessoa deveria ser medido pelas perguntas 11 e 12.

Para investigar a rigidez ou flexibilidade das pessoas em relação às mudanças que ocorrem na Igreja, foram introduzidas as perguntas 14 e 16. As perguntas 17, 19 e 20 fornecem os indicadores que permitiriam responder a hipótese 3.<sup>a</sup> e a uma parte da hipótese 1.<sup>a</sup>. A pergunta 21 serve para examinar as diferenças eventuais entre jovens e velhos.

Na escolha das pessoas a serem interrogadas, procurou-se assegurar suficiente representatividade da população (ver anexo II, as recomendações que foram entregues aos aplicadores do questionário). A Tabela I apresenta as amostras estudadas.

Agrupando os dados da Tabela I conforme os vicariatos da arquidiocese, vê-se que houve uma predominância na Zona Sul (Copacabana, Laranjeiras e Botafogo), totalizando 127 pessoas, e do Vicariato do Oeste (Bangu, Padre Miguel e Campo Grande) com 135 interrogados. O Vicariato Norte tem dois grupos (Tijuca e Meier). Não há representante do Vicariato Suburbano; mas os moradores do Meier não devem ter características muito diferentes dos habitantes daquele Vicariato.

Foram distribuídos 600 questionários. Por desistência de alguns dos colaboradores, que deveriam aplicar o questionário, só recebemos de volta 423. Como de Laranjeiras tivemos muito poucas respostas (14) e admitindo que os moradores deste bairro não diferem dos que vivem no bairro de Botafogo, estes dois grupos foram reunidos num só.

A instrução dada aos entrevistados (na maior parte alunos da PUC, acrescidos com alguns voluntários dos diversos bairros), previa que fossem escolhidos — previamente à aplicação —, edifícios, grupos de casas ou conjuntos de moradias, em que provavelmente morariam pessoas que recebem até dois salários mínimos da época, outros em que os moradores ganham entre 2 e 10 salários mínimos ou mais. — Estes valores, arredondados e divididos em 4 grupos, encontram-se na pergunta 19. — Escolhido o edifício, grupo de casas ou conjunto de moradias, o entrevistador teve que visitar todas as moradias até preencher o número previsto de questionários para o bairro, interrogando — alternadamente

— uma vez um homem, outra vez uma mulher da família visitada. O quadro I mostra que apesar desta recomendação houve um ligeiro predomínio de respostas femininas. Conforme a declaração dos entrevistadores a receptividade em geral foi boa, se bem que está longe da observada nas cidades de Linx e de São João del Rei. Nestas quase não houve recusa. No Rio de Janeiro alguns nem queriam receber o entrevistador, outros, sabendo que se tratava de um inquérito de cunho religioso, não desejavam responder. Não temos, contudo, dados exatos sobre a recusa. Estimamos, de acordo com as informações dos entrevistadores que cerca de 10% das moradias visitadas não quis colaborar, sendo um pouco maior esta porcentagem na Zona Sul, notadamente em Copacabana.

Dos 173 homens entrevistados, 16,2% e das 250 mulheres entrevistadas, 16,0% se declaram não-católicos. A Tabela II indica sua distribuição por bairro, sexo e denominação.

É bastante inquietante o número elevado de pessoas que se dizem não-católicas. Se no Brasil a porcentagem destas se aproxima de 10%, no Rio há um processo acelerado de afastamento do catolicismo. — Seria atestada desta forma a diluição de uma religiosidade tradicional? Os bairros mais atingidos são Copacabana. Padre Miguel e Campo grande, ao passo que a menor incidência foi observada na Tijuca, Laranjeiras e Botafogo. Não temos argumentos decisivos para elucidar com segurança estes dados. Uma breve análise dos bairros, mais ou menos atingidos, sugere as seguintes observações: Copacabana, sendo o centro mais densamente habitado do Rio de Janeiro e simultaneamente o maior centro cosmopolita, possibilita a vinda de pessoas oriundas de outros países e de outras religiões (5 israelitas sobre 18 não-católicos) assim como favorece as mudanças de tradições antigas, inclusive tradições religiosas. Em Copacabana encontramos representantes para todas as 6 categorias de não-católicos mencionadas na Tabela II.

Em Padre Miguel, o questionário foi aplicado num conjunto residencial para onde foram transferidos antigos favelados. Trata-se de pessoas que provavelmente imigraram para o Rio alguns anos antes; pessoas que em seu ambiente anterior (favela) eram relativamente bem colocadas — por isto obtiveram um apartamento que podem pagar, isto é, pessoas que estavam em ascensão social. No ambiente de favela habitualmente, não tiveram uma assistência religiosa muito intensa da parte das paróquias e por isto procuravam um encontro espiritual em outras religiões (protestante e espírita).<sup>1</sup> Campo Grande, com sua extensão territorial e poucas

---

1 Cf. Nin Ferreira, M.: *As migrações internas e suas implicações pastorais*, CERIS, Rio, 1968.

TABELA I

Número de pessoas interrogadas (por sexo e bairro)

	(1)	(2)	(4)	(3)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	
	<i>Copacabana</i>	<i>Laranjeiras e Botafogo</i>	<i>Tijuca</i>	<i>S. Cristóvão</i>	<i>Meier</i>	<i>I. Governador</i>	<i>Pe. Miguel</i>	<i>Bangu</i>	<i>Campo Grande</i>	TOTAL
Homens	38	20	13	8	23	23	9	25	14	173
Mulheres	45	24	21	15	38	20	16	25	46	250
TOTAL	83	44	34	23	61	43	25	50	60	423

— As pessoas interrogadas conforme os Vicariatos da Arquidiocese

Vicariato Sul (1 e 2)	:	127
Vicariato Urbano (3)	:	23
Vicariato Norte (4 e 5)	:	95
Vicariato da Leopoldina (6)	:	43
Vicariato do Oeste (7, 8 e 9):		135
TOTAL:		423

TABELA II

Os não-católicos segundo sua denominação (por bairro e sexo)

		Copac.	Botaf. Laranj.	Tijuca	S. Crist.	I. Gover.	Meier	Pe. Mig.	Bangu	Campo Grande	TOTAL			
											H	M	N	%
Protestante	H	1				2				4	7	7	14	3,3
	M					2	2		3					
Israelita	H	2	1								3	6	9	2,1
	M	3	1			1	1							
Espírita	H	1				1	1	2	1		6	13	19	4,5
	M	4			1	2		1	4					
Umbandista	H			1	1				1		3	4	7	1,7
	M	2					1		1					
Nada-Ateu	H	2				1	1		1	1	6	7	13	3,1
	M	1	1						2	3				
Outras	H	1							2		3	3	6	1,4
	M	1					1	1						
TOTAL		18	3	1	2	9	5	6	9	15	28	40	68	
% das pessoas interrogadas		21,7	6,8	2,9	8,7	18,6	8,2	24,0	18,0	25,0	16,2	16,0		16,1

forças pastorais (à semelhança de Bangu e Ilha do Governador) facilita, para as pessoas que procuram algo religioso mas não encontram na forma tradicional, a “conversão” para uma nova religião, suposta ou realmente mais atuante, de maior vitalidade.<sup>2</sup>

Os bairros mais tradicionais, Tijuca, Botafogo e Laranjeiras, parecem conservar também melhor o catolicismo.

A Tabela III fornece alguns indícios ulteriores sobre o afastamento do catolicismo.

TABELA III

*Os não-católicos segundo denominação e rendimento mensal*

<i>Rendimento Mensal em \$</i>	+2500	—2500	—1250	— 500
israelita	7	2		
espírita	5	5	7	2
protestante			6	8
umbandista		4	2	1
nada (ateu)	3	5	1	4
outras	1	1	3	1
<b>TOTAL</b>	16	17	19	16

Os israelitas se situam na classe econômica mais abastada. Os espíritas encontram adeptos em todas as classes, se bem que na menos privilegiada seu número é relativamente pouco elevado. São igualmente presentes em todos os níveis os que se consideram ateus, ou escolheram outras formas de religião (p. ex., estudiosos do ocultismo, “todas as religiões”, “cristãos”, etc.) — Os protestantes se concentram, nitidamente, nas camadas menos privilegiadas. Existem, sem dúvida, protestantes economicamente bem situados no Rio de Janeiro, mas a amostra da pesquisa revela que o apelo do protestantismo atinge antes de tudo as pessoas socialmente menos privilegiadas. Aderindo a uma forma de “pente-

2 Cf. Trombeta, B.: *Aspectos Sociológicos do Pluralismo Religioso*, REB, 1971, 31, 402-407, e Ferreira de Camargo, Procópio: *Kardecismo e umbanda; uma interpretação sociológica*, São Paulo, Pioneira, 1961.

costalismo" a pessoa, provavelmente, começa a progredir mesmo economicamente, como observou Moura.<sup>3</sup>

"A pessoa, antes de ser bem ou mal evangelizada, pentecostal ou umbandista, é pobre." ... "Geralmente, o pentecostal, a partir de sua conversão, se promove social e economicamente. Melhora logo sua situação, procura ler para conhecer as Escrituras, põe os filhos na Escola, abandona os vícios e se harmoniza na vida conjugal" (ib.) — Apesar de que os depoimentos das pessoas no questionário indicam que a separação entre espiritismo e umbanda não é nítida (diversas pessoas freqüentam as duas religiões juntamente), constata-se que umbandismo, também, se situa nos níveis economicamente mais baixos, ao passo que o espiritismo é presente em todas as camadas. Também pode ser que pessoas mais ricas e por isto, provavelmente, mais cultas prefiram chamar-se espíritas em vez de umbandistas, que se originam das freqüentadoras de terreiros descendentes de escravos.

Se o abandono de qualquer religiosidade (ateísmo, "não sou nada") atinge 3% da população, a influência do espiritismo e a da umbanda constituem um fenômeno muito mais importante para a pastoral. Percorrendo as respostas dadas à pergunta 18, vê-se que entre os que se dizem católicos, 12 homens e 7 mulheres freqüentam sessões de umbandismo e 19 homens e 20 mulheres assistem a sessões espíritas. No total, portanto, 26 pessoas sofrem a influência da umbanda e 58 estão marcadas pelo espiritismo. Cerca de 20% da população, isto é, uma pessoa entre cinco, do Rio de Janeiro, tem influência regular quer do espiritismo quer da umbanda, ou já aderiu a um deles. Os 19 que se dizem católicos, mas freqüentam o espiritismo serão, sem dúvida, católicos por "tradição", por "nascimento" — como dizem alguns. Adicionando estes 58 aos 69 que já se declararam não-católicos e mais os 11 que freqüentam cultos protestantes, constata-se que cerca de 1/3 dos moradores do Rio de Janeiro vivem influenciados por outra religião que a católica ou não professam nenhuma.

A fim de poder comparar nossos dados com os de Ribeiro de Oliveira, nas análises subseqüentes, restringiremos nossa investigação às respostas de 145 homens e 210 mulheres que se dizem católicos, se bem que alguns deles freqüentem, também, outra religião.

Antes, porém, confrontaremos os resultados da nossa amostra com os obtidos, em 1970, pelo censo do IBGE. Num estudo que tem por uma de suas finalidades aspectos metodológicos é interessante verificar até que ponto uma amostra retrata as caracteris

---

3. Cf. Moura A.: *O Pentecostalismo como fenômeno religioso popular no Brasil*, REB, 1971, 31, pp. 86 e 93.

ticas da população geral. Caso fossem encontradas diferenças considerável entre os dados do IBGE e os da amostra, a confrontação possibilitará a interpretação correta dos resultados assim como a retificação dos desvios eventuais.

A distribuição religiosa da população guanabarina, em 1970, conforme os dados do IBGE foi a seguinte:

Católicos		Evangélicos		Espíritas		Outras Rel.		Sem Rel.		Sem decl.		Total
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
3677875	86,5	213243	5,0	204407	4,8	64064	1,5	90732	2,1	1597	—	4251918

As categorias, assim como a denominação, utilizadas pela nossa investigação não correspondem exatamente às empregadas pelo IBGE. O levantamento deste não destaca os israelitas, nem separa os espíritas e os umbandistas. Em vez de "protestantes" utiliza o termo mais atual: "evangélicos". Inclui a categoria: "sem declaração", se bem que — no Estado da Guanabara — pouquíssimos ficaram sem indicar sua religião.

Reunindo os espíritas e os umbandistas numa só classe e incorporando os israelitas entre as "outras religiões", os dados da nossa amostra apresentam as seguintes porcentagens:

Católicos: 84,9; Evang. (Prot.) 3,3; Espíritas: 6,2; Outras rel.: 3,5; Sem rel.: 3,1.

No conjunto encontramos as mesmas configurações que na população geral. O número dos católicos e dos evangélicos da amostra ficam um tanto aquém das porcentagens da população geral. Os espíritas, "outras religiões" e "sem religião (ateu)" são um pouco mais numerosos do que no levantamento do IBGE.

Estas diferenças não são consideráveis. Portanto, a amostra pode ser tomada como uma representação bastante boa da população geral. O fato que a amostra foi levantada dois anos depois do censo não deve ser a razão principal das divergências encontradas. Em 1960 a porcentagem dos católicos na Guanabara era 88,7, a dos evangélicos: 3,9, a dos espíritas: 4,2 e a dos "sem religião": 1,3. Vê-se que há uma certa diminuição dos católicos desde 1960 até 1970. Não acreditamos, contudo que o ritmo destas modificações seja tão sensível que em dois anos (de 1970 até 1972) a diminuição dos católicos atinja 1,6%. As diferenças encontradas devem ser encaradas como ocorrências normais da amostragem. Apesar de ter procurado reproduzir o mais possível na amostra os traços gerais da população, houve um certo predomínio dos habitantes da Zona Sul, notadamente de Copacabana, assim como de pessoas da classe econômica mais elevada (cf. Tabela V). De acordo com os

dados do IBGE a porcentagem dos católicos em Copacabana atinge somente 83,6; os evangélicos, na mesma região administrativa, são cerca de 2,6%, ao passo que os de outras religiões chegam a 6,7%. Em Meier, de acordo com os dados do mesmo censo, os espíritas alcançam quase 7% e os evangélicos, em Campo Grande, ultrapassam 9%.

Uma amostra nunca retrata perfeitamente a população geral. No nosso caso, como foi dito, a configuração da amostra corresponde às distribuições da religiosidade na Guanabara. As diferenças, entretanto, recomendam interpretação cautelosa dos dados quando alguém desejasse comparar a religião entre os moradores da Zona Sul e os da Zona Norte, assim como entre as diversas classes econômicas.

De outro lado, porém, a amostra apresenta alguns dados que não se encontram no levantamento do IBGE. Mostra, antes de tudo, que uma pessoa pode declarar-se pertencente a uma religião mas ter influência regular da outra. Chama também atenção que em certas regiões a categoria "outras religiões" merece uma subdivisão e que para muitos ser espírita ou ser umbandista não é a mesma coisa.

#### 4. OS RESULTADOS OBTIDOS E SUA ANÁLISE (RELIGIOSIDADE DOS CATÓLICOS)

Os dados das Tabelas II e III já constituem uma certa resposta às indagações levantadas na primeira hipótese. Em São João del Rei 98% da população se declara católica; 0,5% evangélica (protestante) e 1,5% não tem religião.

Em Lins os católicos são somente 88%; 2,5% são evangélicos, 4,5% espíritas, 3% de outra religião e 2,5% não tem religião.

No Rio (cf. Tabela I) há um decréscimo dos católicos: 83,9%; protestantes (evangélicos): 3,3%; espíritas e umbandistas juntos: 6,2%; não tem religião: 3,1% e de outra religião (inclusive israelita): 3,5%.

Sente-se uma influência progressiva do meio: São João del Rei, cidade mais tradicional; Lins, cidade do interior mas sem tanta tradição; e finalmente Rio de Janeiro, cidade cosmopolita; o meio repercute sobre o catolicismo da população.

a) A primeira hipótese investiga se as constelações protetora e devocional se apresentam com a mesma intensidade que nas cidades do interior. Pode-se suspeitar que influências múltiplas presentes nas grandes cidades (nível cultural mais elevado, informações con-

trárias à fé tradicional veiculadas pelos meios de comunicação, falta de apoio de uma comunidade mais coesa na prática da fé ou fatores semelhantes) diminuíam estas características da religiosidade.

A porcentagem de respostas afirmativas à 2.ª pergunta indica, de forma direta, a constelação protetora, e a resposta afirmativa à 4.ª pergunta fornece os dados sobre a constelação devocional.

A Tabela IV resume os dados obtidos.

TABELA IV

*Constelação devocional e protetora à base das respostas dadas às perguntas 2 e 4*

		<i>Const. Protetora</i>		<i>Const. Devocional</i>	
Homens	(N= 145)	126	86,9%	107	73,8%
Mulheres	(N= 210)	193	91,9%	169	80,5%
TOTAL	(N= 355)	319	89,9%	276	77,7%

Ribeiro de Oliveira encontrou 75,0% da constelação protetora e 82,5% da constelação devocional. Submetendo a uma análise estatística os resultados obtidos no Rio e nas duas cidades do interior verificamos que a diferença entre as porcentagens da constelação devocional (77,7% versus 82,5%) não é estatisticamente significativa ( $t=1,64$ ), ao contrário da constelação protetora — onde a diferença (89,9% versus 75%) é estatisticamente significativa ( $t=5,29$ ).<sup>4</sup>

Pateñteia-se, portanto, uma situação curiosa: se a constelação devocional diminui na cidade, a constelação protetora cresce. As

4. Neste trabalho serão utilizados alguns "testes" (instrumentos) estatísticos, como o "t", o "x<sup>2</sup>", o "coeficiente de contingência = C". Estes testes permitem julgar qual é a probabilidade da ocorrência de determinados resultados dentro da população em nível previamente definido. Tomaremos, habitualmente, neste trabalho, o nível  $P=0,05$ , i. é., a probabilidade de um evento realizar-se em 5 ou menos casos sobre 100. Em outras palavras, em vez de dizer simplesmente que por exemplo, uma diferença entre duas porcentagens é "grande" ou "pequena" aos olhos do leitor ou do pesquisador, estes testes baseados nos cálculos de probabilidade constituem critérios que possibilitam um julgamento mais apurado para a afirmação se a diferença deve ser considerada como algo que acontece muito freqüentemente e por isto não é significativa, ou é muito rara e por conseguinte deve ser julgada como simples fruto do acaso. O leitor interessado num livro de estatística elementar encontrará aplicações mais técnicas sobre "testes de significância" assim como as tabelas correspondentes.

pessoas não recorrem tanto, na expressão de sua religiosidade, aos santos num relacionamento "pessoal"; sentem mais a necessidade de proteção de Deus e dos Santos. Dir-se-ia: chegando à cidade ou vivendo nela desde a infância o homem sente mais a necessidade de proteção de Deus que no interior. Desta forma rejeitamos, parcialmente, a hipótese nula, e aceitamos que existe diferença considerável entre as constelações religiosas dos habitantes da Guanabara e das cidades do interior ressaltando, contudo, que a constelação protetora é mais acentuada no Rio que nas cidades investigadas por Ribeiro de Oliveira.

Quanto à constelação sacramental, tomando por índice a comunhão semanal, Ribeiro de Oliveira encontrou 56 pessoas — que corresponde a 14,5% dos entrevistados. No Rio de Janeiro 30 homens e 48 mulheres responderam afirmativamente ao item "a" da pergunta 7, o que equivale a 21,9%. A diferença é, estatisticamente, significativa ( $t= 2,68$ ), excedendo o nível de  $P=0,05$ . Em outras palavras: a frequência à comunhão é tão superior entre os católicos do Rio, em relação aos do interior entrevistados por Ribeiro de Oliveira, que esta diferença não pode ser considerada como simples variação ocorrida — (em nível razoável, num caso sobre cem) — casualmente; deverá existir a influência de fatores sistemáticos que expliquem esta diferença. Numa linguagem popular, e à primeira vista imprecisa, diríamos que a diferença decorre do fato que nas grandes cidades se alguém é católico o será mais plenamente que no interior; isto é, se permanece católico vive a sua fé num nível sacramental mais aprofundado do que as pessoas do interior.

A constelação evangélica não foi analisada, numericamente, nos trabalhos de Pedro de Oliveira, porque espontaneamente não se revela nos inquiridos por ele levantados. Na nossa amostra encontramos 29 homens (20%) que afirmam que lêem habitualmente a Bíblia ou os Evangelhos. Das 210 mulheres, 49 (i.é., 23,3%) são leitoras habituais da Sagrada Escritura. Portanto a constelação evangélica, mesmo perguntada diretamente, não se acusou muito, ficou abaixo da constelação sacramental.

Não foi colocada nenhuma pergunta direta para avaliar a importância da constelação "tradicionalista". Das Tabelas VII e VIII, seguintes, se deduz que ela está atuante na população, se bem que se torna difícil determinar sua força através do nosso questionário. Como se explicará por ocasião da análise das Tabelas citadas, neste particular a interpretação dos resultados do nosso questionário merece maior cautela.

A base destes dados podemos responder às perguntas incluídas na primeira hipótese, nos seguintes termos:

— Se bem que o número das pessoas do Rio de Janeiro, que se dizem ateus, seja um pouco mais elevado do que no interior, ainda não atinge proporção alarmante. Entretanto, constata-se um afastamento elevado da vida católica por outras religiões. Do outro lado, existe um aprofundamento da fé católica expresso na vivência sacramental. Constata-se uma tendência para reforçar as posições extremas: ou se assume a vida católica e neste caso abraça-se a fé na forma eclesial-sacramental, ou se tende ao abandono da fé, declarando-se ateu, ou passando para uma nova forma de religião. Constata-se também um aumento de utilizar a religião como uma espécie de “consolo”, de “proteção”, resposta às necessidades, procurando em Deus uma proteção — mais do que no interior. Isto implica no perigo de “mudar de religião”; mudar para aquela que nos momentos difíceis se apresenta como auxílio imediato nas tribulações. O espiritismo e a umbanda parecem satisfazer, em muitos aspectos, de forma mais tangível, estas necessidades de que a fé católica. Fazendo um despacho ou oferta ou usando médium sensível, a “felicidade” vem, a “cura” é obtida, o consolo pela morte do ente querido é “tangível”, etc.

Se bem que Ribeiro de Oliveira não tenha investigado a relação entre a religiosidade popular e o sexo, vale a pena verificar se os homens têm as mesmas características que as mulheres. — No conjunto geral não se constata diferenças significativas. À primeira vista, poder-se-ia supor uma imagem diferente entre os dois na constelação devocional. Há uma distância de cerca de 7 pontos entre os homens e as mulheres. Contudo, ela não é estatisticamente significativa. No tocante à constelação protetora, a diferença atinge 5 pontos e quanto a freqüência à comunhão as mulheres superam os homens, aproximadamente com dois pontos (porcentagem dos homens que se declaram comungar semanalmente: 20,68% e das mulheres: 22,85%). Nota-se, também, diferença nos números absolutos quanto aos seguidores do espiritismo: 6 homens e 13 mulheres. Mas, exprimindo este dado em porcentagem, a situação muda: cerca de 3% dos homens se declaram espíritas contra 5% de mulheres. Por conseguinte, não existem diferenças, estatisticamente significativas, na nossa amostra entre homens e mulheres, com respeito às constelações religiosas.

b) A segunda hipótese investiga se existe influência eventual do nível sócio-econômico na religiosidade da pessoa. Na Tabela V está indicada a distribuição das constelações segundo a renda da família. O total das pessoas é menor do que na Tabela II porque algumas pessoas não responderam à pergunta 19 do questionário, onde se solicitou informação sobre a renda.

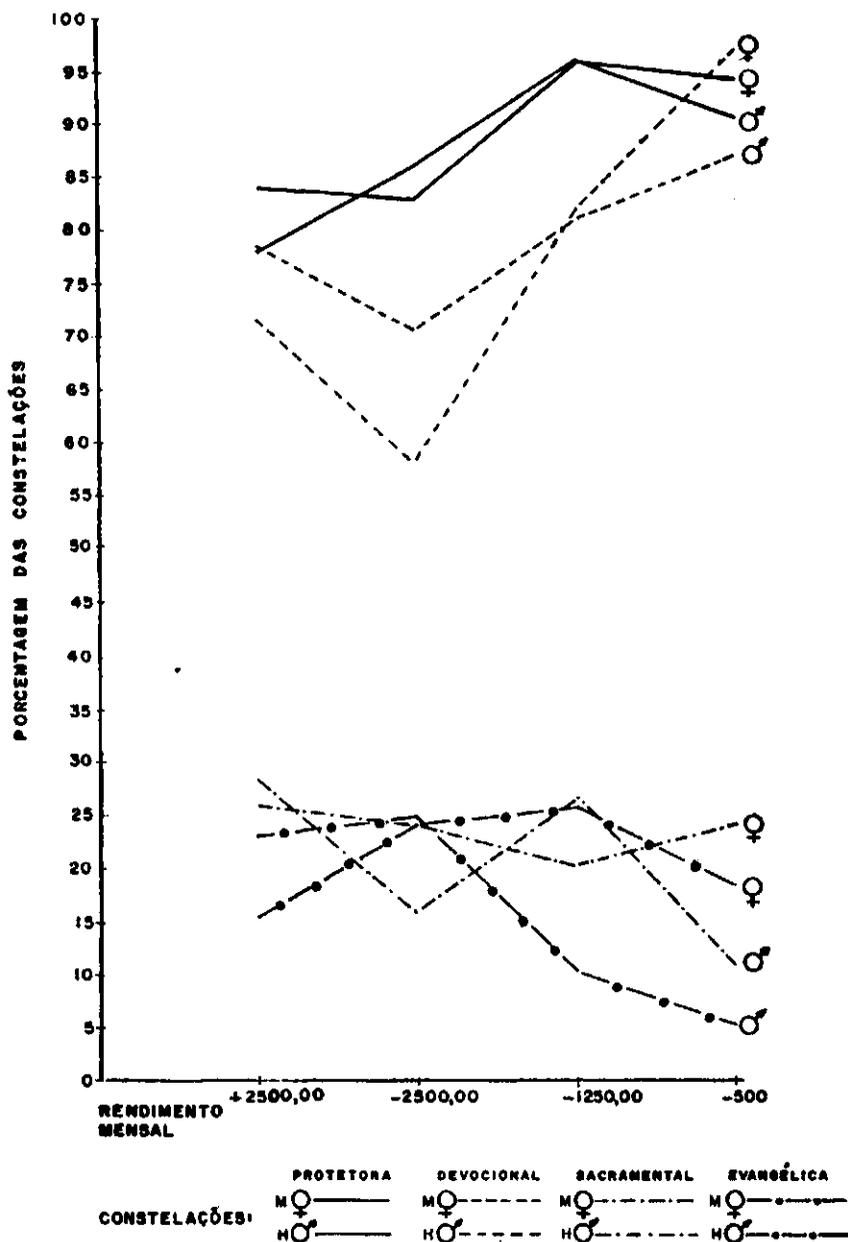
A figura I apresenta os mesmos resultados que a Tabela V.

TABELA V

*As quatro constelações, conforme o nível econômico, em números absolutos e porcentagem*

<i>Renda Mensal em Cr\$</i>	+ 2500		— 2500		— 1250		— 500		TOTAL											
	Homens	Mulheres																		
N.º	42	38	36	37	29	78	34	54	141	207										
PERGUNTAS (const. rel.)	N.º	%	N.º	%	N.º	%														
2. protetora	33	78,6	32	84,2	31	86,1	31	83,8	28	96,5	75	96,1	31	91,2	51	94,4	123	87,2	190	91,8
4. devocional	27	72,9	30	78,9	21	58,3	26	70,3	24	82,7	64	82,1	33	97,1	47	87,1	105	74,5	167	80,7
7. sacramental	12	28,6	10	26,3	6	16,7	9	24,3	8	27,6	16	20,5	4	11,7	13	24,1	29	20,6	48	23,2
10. evangélica	10	23,8	6	15,8	9	25,0	9	24,3	3	10,3	21	26,9	2	5,9	10	18,5	24	17,0	46	22,2

FIGURA nº1



A simples inspeção da Tabela V e da figura I mostra que existe um certo crescimento nas constelações protetora e devocional inversamente ao rendimento econômico, isto é, mais a pessoa ganha, menos sente a necessidade de exprimir sua religiosidade na forma protetora e devocional. Há ligeira modificação na relação entre os níveis de rendimento de 1250 cruzeiros mensais e menos de 500 cruzeiros mensais; o ponto mais alto é na classe penúltima em relação à constelação protetora.

TABELA VI

*A relação da formação religiosa e da freqüência à Eucaristia*

	FORMAÇÃO RELIGIOSA									
	+de 1 ano		-de 1 ano		± 1 ano		ñ teve form.		TOTAL	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Frequ. à Eucaristia:										
Comunhão semanal	56	16,0	6	2,0	6	2,0	11	3,0	78	23,0
Uma/outra vez/por ano	90	27,0	5	1,0	14	4,0	11	3,0	120	36,0
Quase nunca	63	19,0	9	3,0	16	5,0	17	5,0	105	31,0
N fez 1.ª Comunhão	9	3,0	5	2,0	2	0	12	4,0	28	8,0
TOTAL	218	65,0	25	7,0	37	11,0	51	15,0	331	100

$$X^2 = 34,58; C = 0,31$$

Quanto à constelação devocional existe uma baixa no nível econômico com rendimento de menos de 2500 cruzeiros mensais. Em linhas gerais porém a expressão destas formas de religiosidade é semelhante entre homens e mulheres.

Em relação às constelações sacramental e evangélica o quadro não é tão simples. Confirma as constatações anteriores que estas duas constelações são bem menos representadas na população que as de proteção e devoção. Mas na constelação sacramental nota-se uma irregularidade entre os homens: os dois pontos mais elevados se situam entre os que ganham mais de 2500 mensais e os que ganham menos de 1250. As mulheres independentemente da classe social, têm a mesma freqüência semanal à Eucaristia. — Quanto à leitura dos Evangelhos, a diferença torna-se mais

patente. Os homens de mais recursos econômicos lêem muito mais que os de rendimento menor (nas duas classes econômicas mais elevadas cerca de 25% afirma a leitura habitual da Bíblia, enquanto que na classe mais pobre somente cerca de 5%). Nas mulheres a diferença é menor entre as diversas classes econômicas, notando-se, contudo, que a leitura nas classes mais elevadas e mais pobres é menor que nas duas intermediárias. De qualquer forma, os homens pobres (ganhando menos de 500 cruzeiros mensais) têm a menor frequência sacramental como também lêem menos os Evangelhos. Este último ponto será, em parte explicável pelo fato que os analfabetos se situam nesta faixa de nível econômico. Além disto, este quadro talvez decorra do fato que a pessoa pobre sente muito a necessidade de "proteção" de Deus, dos santos, precisamente porque não tem outros recursos e por isto exprime sua religiosidade em forma "devocional", de um lado; e do outro, "lutando pela vida", não tem oportunidade de ler ou freqüentar a igreja e aproximar-se dos sacramentos. Faltando-lhe uma formação religiosa maior, no momento que efetua seus atos "devocionais", sente-se, provavelmente, que já fez tudo que devia para com Deus. Resta para uma investigação ulterior o aprofundamento destas interpretações. Da mesma forma deveria ser analisado melhor se as mulheres mais pobres que freqüentam a comunhão semanal o fazem porque têm uma fé mais explícita no sacramento da Eucaristia ou a "confundem" com um ato devocional qualquer. Em outras palavras: supomos que o homem aproximando-se da Eucaristia ou lendo os Evangelhos necessita de uma maior integração intelectual nestes atos que as mulheres, e que os homens que dispõem de mais recursos materiais, têm maior possibilidade de refletir, de se formar para obter esta integração intelectual-vivencial. As mulheres, guiadas mais por sentimentos, têm maior frequência nos sacramentos, mesmo que sua compreensão intelectual não seja mais satisfatória que a dos homens.

c) A terceira hipótese procurou investigar a influência da formação religiosa na frequência aos sacramentos, notadamente à Eucaristia. A Tabela VI mostra os resultados obtidos.

O total 331 em vez de 335 é devido ao fato de que muitos não responderam às perguntas 11 e 12.

Submetendo estes dados à análise estatística, por meio do "coeficiente de contingência", encontramos os seguintes valores:  $X^2 = 34,58$  e  $C = 0,31$ . Estes resultados levam à rejeição a hipótese nula, isto é, indicam que existe uma relação entre o nível de formação religiosa e a frequência aos sacramentos; os mais formados aproximam-se mais dos sacramentos.

Das pessoas que se dizem católicas, 8% não fizeram a primeira comunhão. Cerca de 40%, sem dúvida, não satisfazem ao preceito da Igreja de comungar pelo menos uma vez por ano. É de notar também que dos 15% que não tiveram formação religiosa nenhuma, 11% comungaram, dos quais 3% semanalmente. Destes 3% últimos, isto é, das 11 pessoas que não tiveram formação religiosa e apesar disto comungam semanalmente, 3 são homens e 8 mulheres. Parece confirmar a afirmação emitida na análise da hipótese "b", que as mulheres, mais facilmente, assumem práticas religiosas mesmo quando não têm uma integração intelectual. Destes 3 homens, um tem idade entre 50 e 59 anos, o outro entre 40 e 49 e o terceiro entre 30 e 39 anos, que deve ser, provavelmente, um cursilista, porque à pergunta 13, "Jesus Cristo é para você", respondeu: "um grande cara", "o chefe maior".

d) A hipótese quarta visou a análise do grau das constelações religiosas em relação às mudanças que a Igreja assumiu nos últimos tempos. Pode-se supor que as pessoas com maior vida sacramental e evangélica aceitariam mais facilmente as modificações que muitos sacerdotes introduziram em sua forma de atuação apostólica após o Concílio Vaticano II, assim, como as manifestações do episcopado e da Santa Sé, em relação à questão social. Correspondentemente, é legítima como hipótese de trabalho, a idéia que os que vivem uma forma de vida religiosa mais "tradicional", ligados à constelação protetora e devocional, sentindo as modificações, — que muitas vezes se exprimiram, por exemplo, na diminuição das imagens dos santos nas Igrejas, na eliminação do calendário oficial de certos padroeiros — manifestariam a opinião que o trabalho dos padres estaria tomando um rumo pior que nos tempos anteriores ou que a Igreja se meteria em problemas sociais em vez de cuidar das coisas celestiais.

Para avaliar esta relação procuramos quantificar os graus das diversas constelações religiosas e indicar os critérios que poderiam servir como expressão, "termômetro", em relação aos rumos que a Igreja assumiu nos últimos tempos. Estes últimos foram expressos nas perguntas 14 e 16; a primeira dá a idéia sobre o trabalho da Igreja em relação à questão social e a segunda aprecia o trabalho dos padres nos últimos anos.

Devemos reconhecer, entretanto, que os instrumentos por nós utilizados não estão isentos de ambigüidades metodológicas, e por conseguinte, os resultados obtidos, neste ponto, devem ser olhados com cautela. A constelação protetora é expressa na pergunta 1 pela quarta afirmação: "fazendo promessas"; na pergunta 3, pela terceira frase; na pergunta 6, pela frase quinta; na pergunta 8, pela frase terceira e na pergunta 9, pela afirmação primeira. A Tabela VII, indica quais são as afirmações e frases das cinco perguntas que compõem as constelações.

TABELA VII

Os indicadores das 5 constelações das frases 1, 3, 6, 8 e 9

CONSTELAÇÃO					
pergunta	protetora	devocional	sacramental	evangélica	tradicional
	frase	frase	frase	frase	frase
1	4. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	5. <sup>a</sup>	1. <sup>a</sup>
3	3. <sup>a</sup>	4. <sup>a</sup>	1. <sup>a</sup>	5. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>
6	5. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>	4. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	1. <sup>a</sup>
8	3. <sup>a</sup>	1. <sup>a</sup>	5. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	4. <sup>a</sup>
9	1. <sup>a</sup>	5. <sup>a</sup>	4. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>

Como não foi dada uma ordem aos aplicadores do questionário para que cada respondente só assinalasse uma das frases destas perguntas, muitas das pessoas interrogadas marcaram duas ou mais delas. Além disto, apesar de diversas tentativas de pré-teste do questionário, algumas das frases, dentro do conjunto, tiveram mais chance de ser indicadas pelos interrogados do que outras. Correspondiam, provavelmente, melhor aos ensinamentos de catequese recebidos, ou à concepção habitual do povo sobre o catolicismo, i.é., induziram respostas estereotipadas ou facilitaram as pessoas a darem respostas "boas", em vez de pessoais.

A Tabela seguinte apresenta a freqüência das respostas dadas às diversas frases nestas cinco perguntas:

A resposta protetora aparece duas vezes predominante, na pergunta 3 (terceira frase) e na pergunta 9 (primeira frase); a devocional não atinge nenhuma vez 50% das respostas, e só predomina na pergunta 6 entre os homens (terceira frase); a sacramental sobressai na pergunta 8 (frase quinta) e também na pergunta 6 (frase quarta) pelo menos para as mulheres. A evangélica não tem muito peso, e a "tradicional" ocupa mais de 50% das respostas na 1.<sup>a</sup> pergunta (primeira frase). Se as frases que deveriam constituir as 5 escalas para medir as constelações religiosas fossem adequadas ou deveríamos ter muito mais respostas "diretas" no item 7, que mede a constelação sacramental, ou esta constelação não deveria predominar em nenhuma das cinco perguntas acima mencionadas. Por razões semelhantes, a análise da hipótese quarta deve ser encarada com bastante cautela.

TABELA VIII

Respostas às cinco perguntas cujas frases constituem as escalas de cinco constelações (protetora, devocional, sacramental, evangélica e tradicional — cf. tabela VII)

	Homens (145)		Mulheres (210)	
	n.º	%	n.º	%
<i>Pergunta I — (Você exprime sua religião)</i>				
1 — Rezando diariamente...	95	65+	146	69+
2 — Indo à Igreja todos os domingos	48	33	78	37
3 — Acompanhando procissões e...	11	8	14	7
4 — Fazendo promessas	14	10	39	19
5 — Lendo livros religiosos	19	13	33	16
6 — Ou .....	36	25	33	16
<i>Pergunta III — (Quando você reza é...)</i>				
1 — Para conhecer a vontade de Deus	33	23	49	23
2 — Porque tem costume de rezar	19	13	58	28
3 — Para pedir ou agradecer uma graça	85	60+	117	56+
4 — Porque quer exprimir sua devoção	18	12	30	14
5 — Para meditar na Sagrada Escritura	20	14	40	19
6 — Ou .....	19	13	15	7
<i>Pergunta VI — (Você indo à missa procura...)</i>				
1 — Cumprir o preceito dominical	28	19	62	29
2 — Orientar melhor sua vida conforme...	32	22	60	29
3 — Fazer suas orações	50	34+	50	28
4 — Unir seus sacrifícios ao de Cristo	35	24	78	37+
5 — Cumprir uma promessa	14	12	19	9
6 — Ou .....	24	16	12	6
<i>Pergunta VIII — (Quando você comunga é...)</i>				
1 — Para honrar os santos de sua devoção	6	4	9	4
2 — Porque você leu o Convite de Cristo...	6	4	14	7
3 — Para pedir ou agradecer um benefício...	22	15	24	11
4 — Para cumprir o preceito da Igreja	22	15	27	13
5 — Para unir-se mais a Cristo	70	48+	143	68+
6 — Ou .....	16	11	7	3
<i>Pergunta IX — (Você acha que as crianças devem ser batizadas)</i>				
1 — Para ter a proteção de Deus	67	46+	118	56+
2 — Porque os Evangelhos dizem...	31	21	30	14
3 — Porque em sua família todos são...	11	28	24	11
4 — Para que elas façam parte da Igreja	40	28	86	41
5 — Para honrar os santos	1	1	10	5
6 — Ou .....	7	5	8	4

As respostas dadas às perguntas 1, 3, 6, 8 e 9 nem por isso são totalmente irrelevantes. Indicam certas características da religiosidade do grupo interrogado. Mostram, por exemplo, que as intenções com as quais as pessoas participam na missa são bastante variadas. Entre os homens é considerada muito mais como a ocasião de “rezar” do que à união ao sacrifício de Cristo. De forma semelhante o batismo é encarado como procura de proteção, em vez de sacramento de incorporação na comunidade eclesial.

— Em todos os dois casos contudo as mulheres parecem ter uma noção mais exata do que os homens; suas porcentagens são mais elevadas na “resposta certa”.

A atitude que a população assume em relação ao rumo que a Igreja tomou na questão social está expressa na Tabela IX.

TABELA IX

*Respostas à pergunta 14: “A Igreja nos últimos anos, está seguindo um rumo certo em relação à questão social?”*

	<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>		<i>Total</i>	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Sim	77	53,1	137	65,2	214	60,3
Não	26	17,9	13	6,2	39	10,1
Não tenho opinião	37	25,5	54	25,7	91	25,6
Não respondeu	5	3,5	6	2,8	11	3,9
<b>TOTAL</b>	145	100,0	210	99,9	355	99,9

60% dos interrogados acham que a Igreja segue um rumo certo na questão social. Existe, porém, uma porcentagem elevada que não tem opinião: 25,4%, e uma pequena porcentagem que não respondeu. Desconhecem a doutrina e a ação social na Igreja? Não sabem se o rumo seguido é certo ou errado? Não conseguem detectar a ação social da Igreja numa metrópole como o Rio de Janeiro e por isto não têm base para opinar? Não sabemos interpretar com exatidão, porque uma parcela assaz considerável não tem opinião sobre uma atividade tão importante, tão realçada nos últimos anos por diversas encíclicas e manifestações do epis-

copado brasileiro. E neste particular não se nota diferença entre o comportamento dos homens e das mulheres; a porcentagem dos dois grupos é quase igual: 25,5% e 25,7% respectivamente.

Nota-se contudo uma diferença considerável entre o comportamento dos homens e das mulheres, em relação aos dois primeiros tipos de resposta: "sim" e "não". Submetido à análise estatística obtemos o valor de  $t=2,23$  para a diferença relativa ao "sim", e o  $t=3,49$ , em relação a "não". Todos os dois valores de "t" são significativos estatisticamente ao nível de  $P=0,05$  (o segundo supera o nível de  $P=0,01$ ). Em outras palavras: a atitude dos homens é bem diferente da das mulheres em relação ao rumo que a Igreja assumiu em relação à questão social. Os homens são muito mais "críticos" do que as mulheres a este respeito. Elas aceitam mais a posição que a Igreja segue. Vê-se, da Tabela IX, que a porcentagem dos homens que discordam do rumo da Igreja na questão social é o dobro da porcentagem das respostas negativas das mulheres. Quase 18% dos homens julgam que o caminho está errado.

As respostas dadas à pergunta 16 revelam a mesma tendência conforme a Tabela X.

TABELA X

*"Respostas à pergunta 16: "O trabalho dos padres nos últimos anos, está tomando..."*

	Homens		Mulheres		Total	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Direção melhor	69	47,6	141	67,1	210	59,1
Direção pior	17	11,7	20	9,5	37	10,4
Não vê mudança	16	11,0	7	3,3	23	6,5
Não tem opinião	37	25,5	41	19,5	78	22,0
Não respondeu	6	4,1	1	0,5	7	2,0
<b>TOTAL</b>	<b>145</b>	<b>99,9</b>	<b>210</b>	<b>99,9</b>	<b>355</b>	<b>100,0</b>

Apesar de cerca de 60% dos que responderam julgarem que o trabalho dos padres está tomando uma direção melhor, os que acham que o rumo piorou são mais de 10%. De novo, cerca de 1/4 dos interrogados não tem opinião. São poucos (6,5%) os que não vêem mudanças no trabalho dos padres nos últimos anos.

Estudos ulteriores deverão ser feitos para encontrar as causas mais precisas destes julgamentos. Nossas interpretações não seriam diferentes das explicações pessoais levantadas em relação à Tabela IX.

O comportamento dos homens e das mulheres em relação à ação dos padres é, de novo, diferente. Atinge, entretanto, uma diferença estatisticamente significativa somente em relação ao primeiro tipo de resposta. Cerca de 50% (mais exatamente 47,6%) acha que o trabalho sacerdotal nos últimos anos tomou rumos melhores, ao passo que entre as mulheres a porcentagem é 67,1, o que equivale a  $t = 4,57$  (significativo além do nível  $P = 0,01$ ). As mulheres, de novo, são mais positivas em relação à mudança assumida pelos padres. Quanto à atitude "crítica" (os que vêem a mudança "pior") a diferença não é significativa entre os dois grupos. Esta torna-se significativa entre os que não vêem mudança, i.é., os homens, em porcentagem significativamente mais elevada que as mulheres, julgam que o trabalho dos padres não sofreu alteração nos últimos anos.

Apesar das dificuldades metodológicas, já indicadas anteriormente e inerentes às escalas que deveriam medir a religiosidade mais tradicional, mais popular e a religiosidade mais assumida, mais "autenticamente" cristã, efetuamos os cálculos necessários para responder às perguntas levantadas na quarta hipótese.

Conforme as respostas dadas às frases das cinco perguntas (cf. Tabela VIII), as pessoas foram colocadas numa das três categorias PD +, PD= SE, e SE +, i.é., se o número das frases que compõem as escalas "protetora" e "devocional" respondidas afirmativamente por uma pessoa, foi maior do que suas respostas positivas às frases que integram as escalas "sacramental" e "evangélica", ela foi colocada na categoria PD+. Se suas respostas nas escalas "protetora" e "devocional" foram iguais às respostas dadas às frases das escalas "sacramental" e "evangélica", sua colocação é PD=SE. E finalmente se o número de respostas nas escalas "sacramental" e "evangélica" é maior do que nas de "devocional" e "protetora", ficou na categoria SE+. De acordo com a hipótese original supomos que as pessoas com respostas predominantes nas escalas "sacramental" e "evangélica" (SE+) aceitariam melhor tanto os rumos que a Igreja tomou em relação à questão social quanto a ação dos sacerdotes.

As Tabelas XI e XII mostram a distribuição das respostas em relação à pergunta 14 e as Tabelas XIII e XIV apresentam as respostas dadas em relação à pergunta 16.

TABELA XI

*Distribuição das respostas dos homens nas categorias da pergunta 14, conforme predomínio ou igualdade de suas respostas nas escalas "devocional-protetora" (PD) versus "sacramental-evangélica" (SE)*

	SIM	NÃO	NÃO TEM OPINIAO
SE+	41	10	10
PD=SE	14	5	8
PD+	22	11	19

$$X^2 = 8,03$$

Este resultado estatisticamente não é significativo, i.é., não temos razão suficiente para afirmar que as pessoas onde predomina uma religiosidade mais popular, resistem mais às mudanças recentes na Igreja que se exprime, entre outras coisas, por seu engajamento na questão social. Há indícios de que os que têm uma religiosidade sacramental e evangélica (pelo menos enquanto estas formas conseguem ser expressas nas frases das perguntas 1, 3, 6, 8 e 9), i.é., os que estão na categoria SE+, aprovam em número superior as mudanças da Igreja do que os de religiosidade tradicional (PD+). Porém os dois são quase iguais na sua atitude crítica: 10 pessoas do grupo SE+ não aprovam o rumo social da Igreja e 11 do grupo PD+.

Na Tabela seguinte que apresenta a mesma confrontação da parte das mulheres, obtivemos respostas quase iguais aos homens.

TABELA XII

*Distribuição das respostas das mulheres em relação à pergunta 14, conforme o predomínio ou igualdade de suas respostas nas escalas "devocional-protetora" (PD) versus "sacramental-evangélica" (SE)*

	SIM	NÃO	NÃO TEM OPINIAO
SE+	81	4	21
PD-SE	19	4	10
PD+	37	5	23

$$X^2 = 10,60$$

O resultado:  $X^2=10,60$  é estatisticamente significativo. Observamos uma tendência diferente que entre os homens: entre as que predomina a resposta "sacramental-evangélica" (SE+) nota-se maior aceitação para com os rumos que a Igreja toma em relação à questão social. Mas quanto ao aspecto crítico (NÃO), não aparece mais diferença entre os dois subgrupos. Este resultado se deve possivelmente à maior tendência a compromissos da parte das mulheres.

Os quadros XII e XIV fornecem os dados da relação das respostas "sacramental-evangélica" e "protetora-devocional", para com a atividade dos padres nos últimos anos.

TABELA XIII

*Distribuição das respostas dos homens em relação à pergunta 16, conforme o predomínio ou igualdade de suas respostas nas escalas "devocional-protetora" versus "sacramental-evangélica"*

---

O trabalho dos padres nos últimos anos está tomando uma direção...

	MELHOR	PIOR	NÃO VÊ MUDANÇA	NÃO TEM OPINIÃO
SE+	36	8	8	17
SE=PD	13	3	5	6
PD+	30	6	3	14

---

$$X^2 = 8,05$$

TABELA XIV

*Distribuição das respostas das mulheres na pergunta 16, conforme o predomínio ou igualdade de suas respostas nas escalas "devocional-protetora" versus "sacramental-evangélica"*

---

O trabalho dos padres nos últimos anos está tomando uma direção...

	MELHOR	PIOR	NÃO VÊ MUDANÇA	NÃO TEM OPINIÃO
SE+	74	9	2	27
SE=PD	22	2	2	7
PD+	45	9	3	7

---

$$X^2 = 8,46$$

Nenhum dos dois resultados é estatisticamente significativo.

A análise das quatro hipóteses levantadas no início do trabalho não esgota toda a riqueza dos dados obtidos pelo questionário. Explorá-la em todos os pormenores tornaria o estudo mais pesado. Enfocaremos três aspectos: as respostas complementares dadas às perguntas 1, 3, 5, 6, 8 e 9; às perguntas 12 e 15 procuraremos ver quem é Jesus Cristo e sua Igreja para o nosso grupo; e finalmente examinaremos, pelo menos em alguns pontos, a diferença eventual entre as gerações (cf. pergunta 21).

O maior número de observações complementares é dado na pergunta 5. Entre as mulheres, 130 (62%) mencionam como exprimem sua devoção aos santos, contra os 82 homens (56%). No resto das perguntas porém conforme a Tabela VIII, os homens aproveitaram mais a possibilidade de escolher uma resposta complementar, em vez (ou ao lado) de utilizar somente uma das cinco opções oferecidas em cada pergunta. Será sinal de maior liberdade no questionamento e tomada de posições pessoais da parte dos homens? Ou esta diferença se deve ao fato que se trata de questões religiosas onde os homens teriam maior independência ao passo que as mulheres se moldariam com maior facilidade às formas preestabelecidas, e por isto também usariam menos respostas "pessoais"? O homem questiona-se mesmo com mais insistência sobre a religião e suas expressões, ao passo que a mulher se deixa guiar mais pela vivência habitual, dando menor margem a formas de expressão pessoal? Esta segunda interpretação parece mais plausível, visto que as mulheres deram maior número de respostas, precisamente na pergunta 5, que analisa a expressão da religiosidade mais "tradicional", popular, i.é., a devoção aos santos. A porcentagem das mulheres, na Tabela IV, já supera a dos homens, na freqüência ao recurso aos santos.

A leitura das respostas acrescentadas mostra outras diferenças entre homens e mulheres. Na pergunta, 14 mulheres usam fórmulas como "amando o próximo e ajudando a quem possa ajudar", "dando auxílio aos pobres", "fazendo bem e ajudando os que necessitam", i.é., expressões que revelam que para elas a religião consiste mais freqüentemente no exercício da caridade, no amor ao próximo. Entre homens, apenas 2 se referem à lei áurea do Evangelho. Dois homens e duas mulheres dizem que "praticando o apostolado". 4 mulheres e 2 homens apresentam "tendo fé em Deus", como expressão da religião. Além da resposta "não sei", encontram-se variações das frases que foram oferecidas para as opções: "indo diretamente à missa", "com a obrigação de comparecer à Igreja", "rezando algumas vezes".

Como razão da oração é freqüentemente mencionada: "para me comunicar com Deus", "para conversar com Deus" (5 mulheres

além de 2 homens), além de frases: "porque dá vontade", "para atender à necessidade de meu espírito", ou "pedir proteção". Alguns mencionam o "agradecimento". E entre os homens, quatro dizem que "não rezo", "não tenho hábito de rezar", além de um afirmar que "não sei rezar". Ninguém indica explicitamente que a oração poderia ser uma oportunidade a "escutar Deus".

A primeira frase da pergunta 3 (para conhecer a vontade de Deus), de acordo com a Tabela VIII é respondida afirmativamente por 23% dos homens e das mulheres. Talvez por isto não parece nenhuma explicitação maior desta dimensão da oração entre as respostas livres. Mas pode ser também que esta porcentagem relativamente elevada seja um tanto induzida pelo fato que a frase é colocada em primeiro lugar na lista das opções, porque a terceira frase (pedir e agradecer), que obtive a % mais elevada das respostas, é ressaltada diversas vezes entre as observações complementares. Tal fato indica que as pessoas rezam, em geral, "para pedir e agradecer".

A forma de expressão da devoção dos santos na metade dos casos, tanto entre os homens quanto entre as mulheres, é resumida numa só palavra: "rezando", "orando", "por orações". É mencionado também em diversas oportunidades, se bem que no total em número não elevado (5-7): "fazendo promessas", "pedindo a proteção dele". Algumas pessoas dizem que visitam a Igreja do santo, ou acendem velas, "dedicam uma oração especial ao santo". Há expressões curiosas: "dando doce" (referindo-se provavelmente à festa de S. Cosme e Damião), "ando com medalhas", "propagando-os", "com muita fé". Um homem menciona "culto de dulia" (idade: entre 40-50, e ganha mais de 10 salários mínimos), outro indica "como manda a Santa Igreja" (tem mais de 60 anos). — As respostas deixam entrever, em alguns casos, qual é o Santo venerado, dizendo, por exemplo, a quem se dirige a oração, ou cuja Igreja é visitada. Entre as mulheres aparece duas vezes Santo Antonio diretamente, e uma vez indiretamente: ir à missa nas 3.ª feiras. Nossa Senhora Aparecida é mencionada uma só vez. Contudo algumas delas já no item 4 indicam o "santo": duas vezes "todos os santos", uma vez "Nossa Senhora", uma vez "Santo Antonio de Pádua", e uma vez "Jesus Sacramentado e Nossa Senhora". Entre os homens, na pergunta 5, dois mencionam Nossa Senhora, dois rezam "diariamente na intenção de Nossa Senhora", um pede ajuda a S. Jorge, um possui a "imagem de Sto. Onofre", e um leva "azeite (óleo) para iluminar a sua lâmpada", tendo indicado na pergunta 4 como "Santo" o "Santíssimo Sacramento". Na pergunta 4 um homem inclui Santa Marta, um outro São José, um Nossa Senhora de Fátima, e um "todos os santos".

Vê-se destas respostas que a "imagem" do Santo é bastante vaga, e seu culto é muito variado. Uma mulher escreveu na pergunta 5: "desde criança há esta devoção, é a primeira que vem à mente". Esta frase mostra com suficiente clareza que a devoção aos santos para ela se coloca num nível de religiosidade bastante primitiva. Na análise final voltaremos a este ponto explicitando o que a psicologia pode esclarecer a este respeito.

A assistência à Santa Missa, pergunta 6, exprime para alguns a procura de paz (2 homens e 2 mulheres), para outros um ato de "devoção" ("por devoção a Deus", "por devoção", — 2 mulheres), "para dar testemunho cristão" (mulher), "reencontrar ambiente religioso, o necessário para a vida cotidiana" (homem), "rezar aos Santos" (homem), uma ocasião de "pedir a Deus" ou "agradecer". Mas o maior número de acréscimos indica simplesmente "não vou à missa" ou "raramente vou à missa" (5 mulheres e 6 homens). Se acrescentamos estas razões ao fato que precisamente na pergunta 6 se constata a maior dispersão das respostas dadas (a frequência mais elevada entre os homens atinge 34% na frase 3, e nas mulheres 37% na frase 4), junto com o fato que cerca de 20 a 30% frequenta a missa para "cumprir o preceito dominical", se vislumbra, por que tantos católicos não se congregam junto à mesa de Cristo. Sua formação religiosa não apresenta motivos suficientemente fortes para que desejem esta união com seu Salvador, o Sacramento de Sua Presença Real em sua Comunidade.

As observações à pergunta 8 também são muito variadas. Três pessoas dizem que "não comungo", uma observa "só na primeira comunhão", uma mulher acrescenta "porque fui criada tendo que comungar", a outra "porque os outros vão".

As explicitações dadas à pergunta 9 podem ser agrupadas em três categorias: algumas reforçam a característica sacramental do batismo: "no batismo a criança vai tornar-se filho de Deus apesar de ser criatura dele"; outras refletem a necessidade de continuar uma tradição: "para estar em igualdade com o passado"; e duas respostas afirmam que as crianças "não devem ser batizadas". Todas as duas foram dadas por homens. Um deles entre 28-29 anos, ganhando entre 5 a 10 salários mínimos, mostrando pouca vivência cristã nas outras respostas. Na primeira pergunta ele mesmo escreveu: "pensando" e na 6.ª: "encontrar uma paz em comum com os homens", e Jesus Cristo para ele é "um homem excepcional". Teve contudo alguma formação religiosa porque na pergunta 12 marcou a resposta "mais de um ano". O outro tem menos de 19 anos, de nível econômico mais elevado (ganhando mais de 10 salários mínimos), também teve formação religiosa, respondeu na primeira pergunta: "tendo fé em Deus", à

3.ª: "não costumo rezar" e na pergunta 6.ª, marcou a frase "para fazer suas orações" e acrescentou "ou porque me sinto bem". Se bem que se trate só de duas respostas, como se situam na faixa de pessoas jovens, sua importância não deve ser minimizada.

A fé católica não é simplesmente uma religiosidade qualquer. O discurso de S. Paulo em Atenas assim como os discursos de S. Pedro relatados nos Atos dos Apóstolos mostram o papel central da pessoa de Cristo como Morto e Ressuscitado; demonstração cabal que nele se completaram as Escrituras que os judeus tão bem conheciam e que nele se concretizou a verdadeira adoração de Deus que os pagãos tanto procuravam. É de suma importância, portanto, analisar como as pessoas que se dizem católicas no Rio de Janeiro se relacionam a Cristo, que pensam dele, que é Ele para elas. A pergunta 13 na sua singeleza procurava apalpar esta fé, especificamente cristã.

As respostas foram bastante variadas. Uma primeira leitura permite, contudo, o estabelecimento de 5 categorias em que elas poderiam ser enquadradas. No conjunto somente em 3 ou 4 casos duvidamos em qual das categorias uma ou outra resposta deveria ser colocada. O nome dado a cada uma destas categorias, já indica o tipo de resposta: dogmática, existencial, indefinida positiva, humanista e negativa omissa. A categoria dogmática abrange respostas como: "Salvador", "Filho de Deus", "Redentor", "Deus", "O Deus homem", "2.ª Pessoa da Ssa. Trindade", i.é., expressões que dogmaticamente são bastante claras e certas.

Na categoria existencial foram incluídas respostas como "Rei Pai", "pai, amigo, tudo", "um pai todo-poderoso", "caminho, verdade e vida", "pai de todos", "pai criador dos caminhos certos e bons", "é meu pai", i.é., respostas que indicam a íntima união de vida com Cristo. A expressão é menos precisa talvez dogmaticamente, mas não deixa dúvida de que a pessoa encontrou em Cristo o centro de sua vida religiosa.

Com bastante freqüência as pessoas responderam à frase "Jesus Cristo para você é" com a única palavra "tudo", ou acrescentando "tudo de bom", "tudo na minha vida", "tudo na vida", "tudo que é mais sagrado e sublime". Sente-se que há uma vivência íntima com Cristo, mas a forma de expressão já se distancia mais da precisão dogmática. Sente-se uma atitude positiva para com Cristo, permanecendo entretanto uma certa dúvida se a expressão "tudo" inclui ou não com uma clareza suficiente que Cristo é o nosso Salvador, é o Filho de Deus que se tornou homem. Nesta mesma categoria foram incluídas respostas como: "exemplo de bondade", "uma força de vida", "modelo para todas as coisas", "tudo que é mais sagrado e sublime", "um Superior", "um grande guia pela vida afora". Principalmente nas respostas das pessoas mais

pobres não se sabe se tiveram dificuldades de conceituar sua vivência ou esta mesma é bastante imprecisa em relação a Cristo. Por isto chamamos esta categoria de "indefinida positiva".

Algumas pessoas consideram Cristo somente como um dos grandes pensadores: "o maior filósofo de toda a humanidade", "o líder principal da humanidade", "um ser poderoso", "um homem excessivamente bom com um espírito elevadíssimo", "símbolo da existência de Deus". Estas respostas foram colocadas na categoria "humanista".

Poucas pessoas deram respostas que poderiam ser consideradas "negativas" a respeito de Cristo. Um homem: "nada", o outro: "comunista"; dois disseram que "não sei". Entre as mulheres também uma escreveu: "não diz nada" e outra: "não sei".

Entretanto houve um grupo que não escreveu nada. Constituem a categoria "negativa omissa" aqueles que não escreveram nada e os que disseram que não sabiam quem é o Cristo para eles.

A Tabela XV apresenta a distribuição das respostas dadas no item 13, conforme as cinco categorias acima descritas.

TABELA XV

*Distribuição das respostas dadas à pergunta 13: "Jesus Cristo para você é..."*

Categoria da resposta	Homens		Mulheres		Total	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Dogmática	40	27,6	59	28,1	99	27,9
Existencial	36	24,8	44	20,9	80	22,5
Indefinida positiva	28	19,3	63	30,0	91	25,6
Humanista	13	9,0	14	6,7	27	7,6
Negativa omissa	28	19,3	30	14,3	58	16,3
<b>TOTAL</b>	<b>145</b>	<b>100,0</b>	<b>210</b>	<b>100,0</b>	<b>355</b>	<b>99,9</b>

No seu conjunto o quadro é bastante positivo, se juntamos as três primeiras categorias num grupo só. Para um pouco mais de 75% das pessoas Cristo é "tudo", "é o protetor", "é o Salvador". Mas de outro lado 23,9% dos católicos não sabem quem é Cristo na sua vida, ou nem responderam à pergunta ou eventualmente só o consideram uma figura ilustre, sublime, nada mais. Estas pessoas são batizadas, na comunidade católica. Se tomarmos um

critério um pouco mais rigoroso a imagem se escurece. As respostas que foram enquadradas como "indefinidas positivas" tem 50% de chance de não exprimir uma vivência adequada para com Cristo. Por isto são colocadas exatamente nesta categoria porque ostentam uma atitude positiva para com Cristo, mas a significação exata desta atitude não é clara. Portanto não erraremos julgando que cerca de 50% das respostas que compõem esta categoria basicamente têm uma imagem correta de Cristo, mas provavelmente 50% não a possuem. Nesta suposição, que a nosso ver é bastante plausível, cerca de 40% dos católicos vivem uma vida religiosa, quem sabe talvez intensa, mas pouco católica porque chegam a Deus não por Aquele que é o Caminho ao Pai, O Verbo Encarnado.

Relembremos que 68 pessoas dos interrogados se declararam não-católicos. Admitamos que os 14% protestantes aceitem Cristo como o Redentor do Mundo, como o Filho de Deus que se encarnou. Restam ainda 27 ("humanistas"), mais 58 ("agnósticos" = negativa omissa) e 54 (não-cristãos) pessoas entre os 432 interrogados, i.é., para 32,2% dos habitantes do Rio de Janeiro, Cristo está longe de sua vida, não é a Revelação do Amor de Pai para com a humanidade. Se nossa amostra é suficientemente representativa da população da Guanabara — e a técnica utilizada na amostragem constitui uma garantia para isto — urge a todos nós que cremos Nele, tentar recristianizar cerca de um terço da cidade. Pode ser talvez cristãos anônimos, na expressão de Rahner, mas não professam o Filho de Deus, Cristo, como seu Salvador.

A relação para com a Igreja Católica também deixa a desejar da parte dos católicos. Na Tabela XVI são apresentadas as respostas dadas à pergunta 15. A formulação da pergunta dá a impressão que se trata de um aspecto meramente subjetivo, sem valor. Qual será o critério que cada uma das pessoas entrevistadas utilizou para responder se a Igreja Católica tem grande ou nenhuma influência? Efetivamente, os critérios pessoais podem ser bem diferentes. Contudo isto não invalida um ponto comum: a vivência como a pessoa vê a influência da Igreja na sua vida. Esta vivência é subjetiva, no sentido que ela para cada um de nós nasce de diversas fontes, se abastece de diferentes motivos. É, entretanto, importante para a pastoral conhecer como as pessoas sentem, experimentam na vida a influência da Igreja.

Quando alguém declara que a Igreja Católica tem "alguma influência" na sua vida e não "grande influência", é mais provável que sua adesão à Igreja não seja muito forte. Ele não conduzirá sua vida conforme às orientações da Igreja. Reunindo este grupo nos dois subseqüentes ("nenhuma influência", "não tenho opinião"), vê-se na Tabela XVI que de acordo com a própria declaração dos

TABELA XVI

Respostas dadas à pergunta 15: "A Igreja Católica na sua vida tem..."

Categoria da resposta	Homens		Mulheres		Total	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
grande influência	83	57,2	145	69,1	228	64,2
alguma influência	41	28,3	41	19,2	82	23,1
nenhuma influência	12	8,3	10	4,7	22	6,2
não tenho opinião	9	6,2	14	6,7	23	6,5
<b>TOTAL</b>	<b>145</b>	<b>100,0</b>	<b>210</b>	<b>100,0</b>	<b>355</b>	<b>100,0</b>

interrogados, a Igreja tem uma real influência, no mínimo, em 2/3 dos católicos da Guanabara. E em relação à população inteira, i.é., levando em conta os que se declararam não-católicos, a Igreja tem grande influência em 53,9% dos moradores da cidade. No resto tem alguma ou nenhuma influência. Sem dúvida, é uma constatação que suscita uma preocupação tratando-se da antiga capital do maior país católico do mundo.

O quadro confirma o que já foi observado em dados anteriores, com respeito à diferença existente entre homens e mulheres: os homens estão bem mais longe do convívio eclesial que as mulheres. Tomando em conta a população masculina inteira, a nossa amostra revela que a influência da Igreja não chega a ser grande nem em 50% (47,98%); e dos que se declaram católicos 14,5% não sentem nenhuma influência eclesial na sua vida ou, o que neste caso é igual, "não tem opinião" a este respeito. A situação entre as mulheres é mais consoladora. Quanto à população, geral ela supera 50% (exatamente 58%), e entre as católicas a influência é grandemente sentida por quase 70%.

O futuro da humanidade em muitos pontos é imprevisível. A história atesta reviravoltas constantes. Basta recordar a relativa calma que a juventude no mundo inteiro está atravessando, apenas 5 anos após as comoções violentas que sacudiram o mundo estudantil de quase todos os países dos 5 continentes nos anos 67-69.

É interessante pois, para a ação pastoral imediata, verificar como se comportam as gerações mais jovens e as mais velhas do Estado da Guanabara, na sua religiosidade.

Escolhemos para análise as perguntas 2, 4, 7, 10, 14 e 16. As primeiras quatro indicam as constelações religiosas e as duas últimas mostram a atitude com respeito às mudanças do trabalho dos

padres e à ação da Igreja frente à questão social. Os resultados são apresentados nas figuras II e III e nas Tabelas XVII e XVIII. A distribuição dos grupos etários não corresponde à realidade brasileira. Se cerca de 50% da população da nação é abaixo de 25 anos, na nossa amostra atinge acima de 35% (homens: 38,6 e mulheres: 35,7) o grupo que vai até 29 anos de idade. O número dos que não alcançam 19 anos é bastante restrito nos dois sexos. Não se deve esquecer entretanto que, sob o ponto de vista religioso, o comportamento da pessoa se delinea durante a juventude, no fim da adolescência, que para a maioria dos psicólogos, na nossa cultura, se inicia após 20 anos de idade. A criança é religiosa, em boa parte, porque sua mentalidade tende a "magia".<sup>5</sup>

O adolescente já procura assumir a direção de sua vida, elaborando ou reelaborando seus valores, seus ideais, mas é bastante exposto às mudanças da "moda", da "onda". Por outro lado, o Concílio Vaticano II, aproximadamente há 10 anos atrás, desencadeou uma série de modificações na liturgia, no enfoque do anúncio da Palavra, no comportamento dos sacerdotes. Os que hoje têm menos de 30 anos provavelmente tiveram mais plasticidade psicológica de incorporar estas mudanças, porque estavam no seu período de crescimento, na sua fase de mudança pessoal. Os mais idosos, já acostumados às manifestações da vida religiosa preconiliar, podiam estranhar mais as modificações. Por estas razões, os gráficos e os quadros seguintes apresentam as respostas de acordo com os seis grupos etários em que foi dividida a amostra. A fim de precisar melhor as diferenças de comportamento, são realçados os dois grupos etários "extremos". Reunimos como "jovens" os que ainda não atingiram 30 anos, e como "velhos" os que tem mais de 50 anos. Os que se situam entre 30 e 49 anos foram considerados a "geração sandwiche"; geração que foi educada num contexto cultural e religioso mais tradicional, mas que há uns 10 anos atrás era ainda bastante moça para se sentir atingida tanto pelas orientações do Concílio Vaticano II quanto pelas mudanças que se manifestaram no comportamento social do povo brasileiro — principalmente nas áreas urbanas, ao mesmo tempo que já se encontrava na faixa as pessoas adultas (entre 20 e 39 anos) para as quais não é fácil assumir novas atitudes, porque sua personalidade já é bastante estruturada. — Estávamos interessados em saber se nas quatro constelações haveria diferença entre estes dois grupos, e principalmente como os mais jovens e os mais velhos se colocam frente às novas orientações sociais e pastorais da Igreja.

A simples inspeção das figuras II e III já é bastante reveladora. Contudo os dados das Tabelas XVII e XVIII nos convidam à

---

5. Cf. Pohier, I. M.: *Psicologia da Inteligência e Psicologia da Fé. O sistema de Piaget aplicado à fé*, São Paulo, Herder, 1971.

TABELA XVII

Respostas dos homens, de acordo com os grupos etários, às perguntas  
2, 4, 7, 10, 14 e 16

GRUPOS ETÁRIOS									
Anos:	até 19	anos 20-29	30-39	40-49	50-59	+60	até 29	+50	
N.º de pessoas:	14	42	37	28	17	7	56	24	
Perguntas:									
2.ª "sim" (protetora)									
N.º	12	35	31	26	16	6	47	22	
%	85,7	83,3	83,8	92,8	94,1	85,7	83,9	91,7	
4.ª "sim" (devocional)									
N.º	9	25	30	23	13	7	34	20	
%	64,3	59,5	81,1	82,1	76,5	100,0	60,7	83,3	
7.ª "com. semanal" (sacramental)									
N.º	4	8	7	5	3	3	12	6	
%	28,4	19,0	18,9	17,8	17,6	42,8	21,4	25,0	
10.ª "Iê habit. Ev." (evangélica)									
N.º	2	7	5	5	2	3	9	5	
%	14,3	16,7	13,5	17,8	11,8	42,8	16,1	20,1	
14.ª "Rumo da Igreja"									
Certo	N.º	6	20	18	16	12	5	26	17
	%	42,9	47,6	48,6	57,1	70,6	71,4	46,4	70,8
Não	N.º	2	13	8	3	—	—	15	—
	%	14,3	30,9	21,6	10,7	—	—	26,8	—
Não tem opinião	N.º	6	8	9	7	4	2	14	6
	%	42,9	19,1	24,3	25,0	23,5	28,6	25,0	25,0
16.ª "Trab. dos padres"									
Melhor	N.º	6	20	17	13	9	4	26	13
	%	42,9	47,6	45,9	46,4	52,9	57,1	46,4	54,2
Pior	N.º	1	7	4	4	—	1	8	1
	%	7,1	16,7	10,8	14,3	—	14,3	14,3	4,2
Não vê modif.	N.º	1	3	7	2	2	1	4	3
	%	7,1	7,1	18,9	7,1	11,8	14,3	7,1	12,5
Não tem opinião	N.º	5	10	9	7	5	1	15	6
	%	35,7	23,8	24,3	25,0	29,4	14,3	26,8	25,5





TABELA XVIII

Respostas das mulheres de acordo com os grupos etários, às perguntas  
2, 4, 7, 10, 14 e 16

GRUPOS ETÁRIOS									
Anos:	até 19	20-29	30-39	40-49	50-59	+60	até 29	+50	T
N.º de pessoas:	18	57	40	58	19	18	75	37	
<hr/>									
Perguntas:									
<hr/>									
2.ª "sim" (protetora)									
N.º	17	50	38	54	18	16	67	34	
%	94,4	87,7	95,0	93,1	94,7	88,9	89,3	91,9	
4.ª "sim" (devocional)									
N.º	13	38	35	52	16	15	51	31	
%	72,2	66,7	87,5	89,6	84,2	63,3	88,0	83,8	
7.ª "com. semanal" (sacramental)									
N.º	4	8	4	13	7	12	12	19	
%	22,2	14,0	10,0	22,4	36,8	66,7	16,0	51,3	3,93
10.ª "lê habitual." (evangélica)									
N.º	4	7	7	19	4	5	11	9	
%	22,2	12,3	17,5	32,7	21,1	27,8	14,7	24,3	
14.ª "Rumo da Igreja"									
Certo	N.º	8	36	28	46	10	9	44	19
	%	44,4	63,2	70,0	79,3	52,6	50,0	58,7	51,3
Não	N.º	1	5	3	—	2	2	6	4
	%	5,6	8,8	7,5	—	10,5	11,1	8,0	10,8
Não tem opinião	N.º	9	16	7	10	6	6	25	12
	%	50,0	28,1	17,5	17,2	31,6	33,3	33,3	32,4
16.ª "Trab. dos padres"									
Melhor	N.º	13	39	26	42	11	10	52	21
	%	72,2	68,4	65,0	72,4	57,9	55,6	69,3	56,7
Pior	N.º	—	5	4	4	4	3	5	7
	%	—	8,8	10,0	6,9	21,1	16,7	6,7	18,9
Não vê modif.	N.º	—	—	1	5	—	1	—	1
	%	—	—	2,5	8,6	—	5,6	—	2,7
Não tem opinião	N.º	5	13	8	7	4	4	18	8
	%	27,8	22,8	20,0	12,1	21,1	22,2	24,0	21,6

precaução na interpretação dos resultados: em alguns grupos etários o número dos participantes foi bem reduzido. Somente 7 homens tinha mais de 60 anos e 18 mulheres são da mesma faixa de idade. Não atingem nem 10% dos entrevistados. Apesar desta precaução, constata-se algumas tendências comuns nas duas figuras: a constelação devocional dos jovens está bastante abaixo da média, atingindo seu ponto mínimo na faixa da idade de 20 a 29 anos. Os mais velhos, principalmente os homens, no fim da vida, mostram uma religiosidade devocional acentuada. Entre os dois grupos etários masculinos comparados,<sup>6</sup> a diferença é estatisticamente significativa. Nota-se também maior frequência nos sacramentos entre as pessoas mais idosas, assim como maior dedicação à leitura da Palavra de Deus. Contudo a diferença só torna-se estatisticamente significativa na constelação sacramental no grupo de mulheres. Entre os homens vê-se a mesma tendência, mas não chega a atingir uma diferença estatisticamente significativa, provavelmente devido ao fato que os jovens, — abaixo de 19 anos — têm maior frequência sacramental que a média dos homens e maior que as moças de sua idade.

A análise das respostas dadas às perguntas 14 e 16 traz algumas surpresas. Poder-se-ia supor que os jovens aceitassem com maior facilidade o rumo que a Igreja segue em relação à questão social. Da mesma forma se esperaria que considerassem o trabalho dos padres nos últimos anos no rumo certo. O quadro apresentado não é tão claro e uniforme. Há diferença considerável entre os homens e as mulheres. Os homens mais idosos aceitam em proporção significativamente superior aos jovens o rumo que a Igreja tomou na questão social. Nenhum homem acima de 50 anos afirma que o rumo tomado pela Igreja não seja certo. Ao contrário, os jovens adultos (entre 20 e 29 anos) em 30% julgam que a Igreja não está seguindo um rumo certo. Não se sabe se este descontentamento significa que o rumo tomado pela Igreja é radical demais ou pelo contrário alienado do cerne dos problemas sociais. Ou pode ser expressão também do fato que se envolve demais na questão social (tornou-se "horizontalista" em excesso) ou simplesmente o rumo, e não o grau de envolvimento, é criticado. De qualquer forma, nossos dados chamam a atenção sobre um problema cuja elucidação ulterior seria bastante útil para a ação pastoral.

Em relação ao trabalho dos padres, as mulheres revelam uma atitude mais crítica. Os homens, principalmente os mais idosos, não julgam que este piorou. Os do grupo etário de 20-29 anos, deixam transparecer uma certa crítica (17,6% desta idade responderam com "pior"); mas no conjunto, tanto jovens quanto velhos,

---

6. Cf. Tabela XVII.

na maioria, ou acham que o trabalho dos padres melhorou ou não têm opinião, — em proporção quase igual. Entre as mulheres a situação é diferente. As jovens estão de acordo com a situação dos padres, mas a mais idosas julgam que ela piorou. Elas gostariam que a atitude dos padres fosse a mesma que era anteriormente. Será que a mulher idosa está mais arraigada às tradições que os homens da mesma idade? Ou será que os homens, “sentindo” menos a Igreja, não se incomodam tanto com a mudança da atitude dos padres? Os homens conseguiriam abstrair com maior facilidade o essencial do accidental, e as mulheres sentir-se-iam mais inseguras em consequência de qualquer mudança? Ou as moças mais jovens gostam da forma de vida mais comum dos sacerdotes, mais semelhante aos outros homens na roupa, na maneira de tratar as pessoas, ao passo que as senhoras mais idosas preferiam ver os sacerdotes mais reservados, mais distantes do cotidiano — como era o costume alguns anos atrás? Este ponto também mereceria um aprofundamento ulterior.

## 5. REFLEXÕES PASTORAIS

A apresentação dos dados e as tentativas de análise oferecidas nas páginas anteriores, suscitaram, sem dúvida, pistas para a ação pastoral. As considerações subseqüentes não querem ser nem exaustivas nem peremptórias sobre este tópico. Desejam ressaltar alguns pontos, que sob o ângulo psico-social merecem uma atenção especial. Focalizam tópicos, que, ao nosso ver, são importantes no contexto religioso do Estado da Guanabara e cuja realidade exige uma atuação cuidadosa.

1. A religiosidade do povo da Guanabara manifesta-se em diversos níveis. Cerca de 3% consideram-se “ateus”. 13% declaram-se como seguidores de outra religião; portanto, fora do catolicismo. Dos 355 da amostra que permanecem na Igreja Católica, mais de 58 (cerca de 16%) freqüentam terreiros ou sessões espíritas. De outro lado, o catolicismo da grande maioria (cc. 80%) se situa no nível que Pedro Oliveira denominou “constelação protetora e/ou devocional”. As “constelações sacramental e/ou evangélica” estão previstas, realmente, no máximo na quarta parte dos que se afirmam serem católicos.

2. O fato de que, no conjunto, poucos se declaram “ateus”, é um ponto positivo. Mesmo que uma investigação ulterior mostrasse que, em certos ambientes (intelectuais, artísticos, estudentis) — como deixam supor alguns dados colhidos fora deste inquérito — o número dos “ateus” seja mais elevado, vê-se que globalmente, na quase totalidade da população está presente o que se costuma chamar “experiência religiosa”, i.é., “este movimento religioso involuntário, que situa o homem frente ao mis-

tério da totalidade em que ele está englobado, que o interpela e leva a pôr a questão de sua existência" — como diz Vergote.<sup>7</sup> A própria procura de "novas formas de religiosidade", como pode ser encarado o interesse pela umbanda e pelo espiritismo, reforça a atuação desta experiência religiosa no meio do povo. Sob este ângulo encontramos um ponto positivo para a atividade pastoral, ao apelarmos à experiência religiosa.

3. Os estudiosos da psicologia religiosa<sup>8</sup> porém, chamam atenção sobre a ambigüidade que encerra esta "experiência religiosa". Sendo ela, essencialmente, a procura do Absoluto e a percepção de sua necessidade para tornar compreensível o mundo em que vivemos, i.é., sem precisar o que é Absoluto e até que ponto corresponde algo "objetivo" a esta necessidade, corre-se o risco de absolutizar algo relativo, ou de se fechar num psicologismo imanentista ou panteísta. Na concepção de Eliade, por exemplo, a afirmação do primado absoluto da matéria em sua evolução dialética da parte de um marxista, seria no fundo, uma expressão errada — desta experiência religiosa, se bem que o próprio marxista considerasse esta implicação como impossível. O simples levantar da questão religiosa, seria, para ele, alienante.

Resumindo: A insistência excessiva da presença da experiência religiosa em nosso povo, sob o ponto de vista pastoral, facilmente pode levar a uma acomodação. Fica-se contente com a existência de alguma coisa, em vez de pretender ir adiante e englobar esta experiência numa verdadeira fé cristã, católica.

4. Se a procura crescente dos terreiros e das sessões espíritas pode fundamentar-se em muitos na necessidade de encontrar o "sagrado", o "mistério", não a esgota. Nos espíritas, a satisfação de três outras necessidades completarão o quadro: ter uma concepção mais "justa" de um Deus, que permite a purificação constante em vez de definir o destino da pessoa na hora de sua morte (o problema do Inferno, o problema de conciliar a Justiça e o Amor Infinito); a necessidade de não perder contato com os entes queridos, após a morte; e a tentativa de englobar na vivência religiosa a ação das forças ocultas, de fatos do domínio da parapsicologia.

Lembramos que ao mesmo tempo que o espiritismo se constitui numa religião diversa do catolicismo, não cessa de se referir a Cristo e a seus Evangelhos. O caminho para o sincretismo está portanto aberto, e desta forma uma pessoa pouco esclarecida facilmente se desloca, sem perceber, do cristianismo autêntico para uma "compreensão" errônea do mesmo.

---

7. Vergote, A.: *De l'expérience religieuse* — in: *Lumen Vitae*, 1969, p. 212.

8. Vergote, A.: *La psychologie religieuse*, Bruxelles, Dessart, 1966; Eliade, M.: *Le sacré e le profane*, Paris, Gallimard, 1965.

Na umbanda, também, o sincretismo inclui elementos do catolicismo e do espiritismo. Só poucas linhas estão restritas a revivência das religiões africanas, revestidas de roupagens e expressões cristãs. Deste modo, uma pessoa pode satisfazer também na umbanda às necessidades acima mencionadas em relação ao espiritismo. Contudo, pode o indivíduo ser levado aos terreiros por outros motivos, como a necessidade de exprimir a religiosidade em reações corporais fortes, violentas; encontrar uma "fórmula" para a solução de seus problemas de saúde, de ordem sentimental ou financeira; e/ou se entrosar num grupo religioso onde se sente mais aceito e mais ativo. Tenhamos em mente, ainda, que principalmente no espiritismo, a pessoa pode exercer sua atividade caritativa, ajudando os pobres, os órfãos e abandonados.

5. Qualquer que seja o motivo que leva as pessoas à procura do espiritismo ou da umbanda, o inquérito mostra a urgência de preparar os agentes pastorais da diocese, a fim de que possam ajudar os fiéis, esclarecendo-os e criando as condições para que possam exprimir sua religiosidade dentro da Igreja Católica, sem recorrer a novas "religiões". Se pelo menos 20% da população da Guanabara é atingida pelo espiritismo ou umbanda, cursos especiais devem ser organizados em que estes temas sejam estudados, grupos de reflexão ou mesmo uma coordenação especial deve ser instalada, propondo meios concretos de ação para a preservação da fé e reconquista dos vacilantes.

Três aspectos prioritários podem ser ressaltados neste trabalho. Em primeiro lugar, sob o ponto de vista religioso, deverá se mostrar aos fiéis que a idéia de uma "purificação progressiva" (explícita no reincarnacionismo e mais ou menos implícita nas diversas correntes do umbandismo espírita), leva à falta de perdão entre os homens. Se Deus de fato não perdoa nesta vida, mas de qualquer forma podemos e teremos que pagar os pecados em novas encarnações por que nós preocuparmos em perdoar os outros? O "perdoais as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores", não terá sentido, como acentuou numa palestra recente o Pe. Luciano Mendes de Almeida. Um traço essencial da vida humana, acentuado por Cristo e sua Igreja, corre o perigo de desaparecer de nosso convívio e do nosso contato com Deus. — Esta falta de comunhão entre os homens, será ainda acentuada, em segundo lugar, porque não se aproximará da mesma Mesa, não se comerá o mesmo Pão. O contato humano, facilitado nos grupos religiosos menores, cuja necessidade será mencionada abaixo — fica num plano instintual ou superficial nestas formas sincréticas de religiosidade. O elo de união profunda, a Comunhão, desaparece.

O terceiro aspecto é mais metodológico. O sincretismo é fruto, em parte, da facilidade de transmissão e de divulgação de conhecimentos. Antes que a televisão, em nível acessível a quase todas

as pessoas, trouxesse à vista de todos que existem outras religiões, mesmo no Brasil, a fé tradicional foi mais amparada, porque era menos atacada direta ou indiretamente. A maioria das vezes nem foi questionada. Ao apresentar outras formas de religiosidade, a necessidade de confronto surge. Se a pessoa não tem uma formação adequada, como vai defender sua fé? Principalmente se cantos populares ou músicas de autores conhecidos, com texto umbandista, são constantemente divulgados pela TV e pelo rádio. "Meu Pai Xangô", "Minha Mãe Menininha" serão cantados somente como cantos populares ou subrepticiamente influirão também na religiosidade dos ouvintes? Como é sumamente provável que estes programas, estes cantos, penetram e solapam a mentalidade religiosa do povo, aparece o imperativo de criar e divulgar, em nível popular "antídotos" correspondentes. Os mais adequados serão: programas de TV e Rádio informativos (mas acessíveis e atraentes) sobre os diversos pontos da fé católica, músicas religiosas de cunho popular, literatura religiosa ao alcance do povo simples. Ultimamente constatou-se uma quantidade considerável de publicações teológicas no Brasil. Mas a maioria se destina a uma elite. De nível popular, escrita em linguagem popular, há muito pouco. E ainda menos são aqueles livros ou brochuras que esclareçam o povo sobre o que deve pensar um católico de certos fenômenos espíritos ou umbandistas.

6. Não é justo, entretanto, que alguém procure na religião a satisfação de todas, ou pelo menos principais, necessidades humanas? A própria Igreja não utilizou na Idade Média, e mesmo hoje, a expressão corporal como parte integrante de sua vida religiosa? A liturgia renovada não deseja exatamente uma participação mais ativa e pessoal? E por que não mencionar a dança de Davi frente à Arca? Por que não seria justo procurar junto a Deus o auxílio para superar as dificuldades, para obter o pão de cada dia? A religiosidade popular dos católicos, em suas constelações protetora e devocional, não podem exprimir uma fé autêntica? Extirpando estes motivos, o que levará o homem a Deus? Mantendo-os, como evitar que induzam pessoas a práticas sincretistas, em religiões fora do catolicismo?

A motivação humana é um fenômeno complexo. Na decisão de uma ação pode influir tanto a presença dos objetos que compõem o campo perceptual momentâneo quanto a força de impulsos inconscientes ou semi-inconscientes despertados anos atrás e ressonantes até agora em nosso ser. A complexidade se patenteia também no fato que raramente trata-se da influência de uma única força em nossa decisão. Nossas opções são "supermotivadas", i.é., a motivação nasce de diversas raízes, é resultante de diversas necessidades atuantes simultaneamente dentro de nós e provenientes de fora de nós. A procura de Deus no homem não constitui exceção a este respeito. Vergote e Pin<sup>o</sup> mostram claramente que

a maioria das pessoas na religião procura também uma resposta às frustrações (materiais, morais ou sociais) da vida, ou deseja obter uma explicação às questões eternas do drama humano (morte, justiça) ou busca uma segurança contra a angústia existencial. Que estes motivos sejam presentes numa vivência religiosa é, portanto, normal. O problema surge quando a religiosidade cristã não supera estes motivos.

No Cristianismo, pelo menos, a fé não é simplesmente uma satisfação de necessidades internas do homem. Ela é, e deve ser, uma "resposta", um "encontro", uma "atitude" com a Palavra do Pai revelada e difundida na Comunidade pelo Espírito Santo. Pode-se dizer que na autêntica vida cristã, se bem que os motivos mencionados serão sempre presentes em algum grau, como também a própria "experiência religiosa", estes mesmos motivos devem ser "superados" e a "experiência" integrada, numa resposta assumida na fé; a pessoa adere a Deus por tê-lo descoberto em quanto se revela e por causa dele que se revela em Cristo.

Resumindo: o inquérito mostra que mesmo no Rio de Janeiro, muitos dos que se dizem católicos vivem num nível de religiosidade que é bastante vulnerável. Tem uma certa fé — e por isto rezam, procuram os santos, freqüentam a Igreja. Mas para a maioria — porque poucos chegam à religiosidade sacramental ou evangélica — Deus é antes de tudo uma resposta às suas necessidades, em vez de responderem a Deus que se revela em seu amor infinito. Neste aspecto portanto, talvez não diferem muito daqueles que procuram, como foi dito, no n.º 4 acima, as sessões espíritas ou as reuniões de umbanda. Porém, se assim for, não será necessário "erradicar" este tipo de catolicismo? Não seria melhor demolir um edifício velho, tradicional e construir um novo, em vez de tentar consertá-lo? A tentação existe para este tipo de ação pastoral. Não só a tentação, mas as tentativas. Ou não foi um zelo exagerado que procurou "limpar" nossas Igrejas das imagens dos santos, de certas práticas supostas ou realmente "mágicas" (novenas, primeiras sexta-feiras, peregrinações, etc...), porque encerravam o perigo de uma religiosidade "imediate", ao "uso do homem"? Contudo, se a maioria do nosso povo vive neste nível de religiosidade, vale a pena jogá-lo fora da Igreja? Não corremos o risco de arrancar o trigo com o joio? Ou é preferível educá-lo, num crescimento constante, para que progrida — mesmo se devagar — num encontro sempre maior e mais puro com Deus? Expurgando certos ritos e práticas, facilmente jogamos fora tudo, i.é., levamos os católicos pouco esclarecidos a outra religião que lhes satisfaz estas necessidades. Assim, ficam ainda mais afastados de um possível encontro com Cristo. A purificação da fé do povo é

---

9. E. Pin: *Elementos para uma Sociologia do catolicismo latino-americano*, Petrópolis, Vozes, 1966.

indispensável, como aliás é indispensável para todos nós um crescimento constante em nossa motivação religiosa. Mas crescimento e purificação não significam corte violento ou exclusão abrupta. A heresia dos cátaros e o radicalismo dos protestantes do século XVI levou à uma cisão na Igreja. Eles estão, porém, a recrudescer debaixo da aparência de um perfeccionismo porque não dizer — de uma impaciência pastoral.

7. Compreender alguma coisa, mesmo de “forma incondicional positiva” — na terminologia de C.R. Rogers<sup>10</sup> e de A. Godin,<sup>11</sup> não significa concordância. Se para atuar pastoralmente temos que entender a mentalidade do povo e por isto não convém romper com toda a religiosidade popular do catolicismo como se apresenta no Brasil, e também na Guanabara, não se segue que esta forma de expressão religiosa seja a ideal. Vimos que a imersão nos sacramentos e a meditação da palavra de Deus constituem uma realidade para um grupo bastante reduzido. Da mesma forma, para muitos, a própria pessoa de Cristo tem uma significação vaga, pouco clara. E se não O conhecem, por que O procurariam nos sacramentos?

O núcleo da problemática pastoral se coloca neste ponto: o anúncio da Boa Nova, a Catequese, a formação religiosa. Constatou-se, na Tabela VI, que existe uma correlação entre a formação religiosa e a frequência à Eucaristia. Portanto, este anúncio deve ser intensificado, por exemplo e por palavra. A dificuldade reside, precisamente, em dar tal testemunho e usar tal linguagem que penetrem no coração das pessoas submetidas ao ritmo agitado das grandes metrópoles. Trata-se de um lado da linguagem a ser empregada e do outro, da comunicação da mesma.

A expressão do mistério da salvação, exatamente por se tratar de revelar o mistério, nunca foi tarefa fácil. As respostas dadas às perguntas 14 e 16 indicam que o rumo que a Igreja assumiu a este respeito nos últimos anos, assim como o tipo de trabalho dos sacerdotes se bem que fundamentalmente positivos, deixam ainda a desejar. A reação dos homens mais jovens, em particular, é dividida. Nem 50% dos que têm menos de 29 anos, está de acordo com o esforço que a Igreja está fazendo, para transmitir sua mensagem. Entre as moças, na mesma faixa de idade, a opinião é um pouco mais favorável. 25% porém, nem têm opinião formada a respeito. Estaremos longe da verdade, ao afirmar que esta falta de opinião é conseqüência em boa parte, do fato que os sacerdotes ou agentes pastorais nem conseguem aproximar-se destas pessoas? A comunicação exige contato. Qual o raio de contato pessoal que um agente pastoral pode ter? Atingirá dezenas de pessoas, ou

---

10. *Tornar-se Pessoa*, Lisboa, Moraes Ed., 1970.

11. *A Relação Humana no Diálogo Pastoral*, Rio de Janeiro, Ed. Paulinas.

mesmo centenas: em caso excepcional — um ou outro — mil pessoas? Nada mais. A psicologia mostra que o raio de contato está em proporção inversa com a intimidade do mesmo. Um grupo, cujos membros querem ter troca de vivências mais profundas, pode ter 10 a 15 pessoas, não mais, supondo ainda que a coesão seja bastante duradoura. Um agente de pastoral terá tempo para atender 5 a 8 grupos, neste nível. Se o contato for menos profundo, sua atuação se alargará. Recorrendo aos meios de comunicação social, impressa, falada e televisionada, abre-se o horizonte para um campo mais amplo, como já foi mencionado no n.º 5. Desta forma a semente pode ser lançada a terrenos quase sem fronteiras. Perde-se porém em profundidade. O engajamento, a adesão à comunidade, exigirá, novamente, nestes casos também um contato pessoal entre o agente de pastoral e o fiel.

Nas grandes cidades os homens são sedentos de contatos verdadeiramente pessoais e comunitários. Contra a massificação se defendem com “grupos de encontro” — espirituais ou puramente humanos — conforme a possibilidade de cada um em encontrar algo semelhante. Nestes grupos, que sob o ponto de vista psico-social tem bastante semelhança, quer sejam “cursilhos” quer “treinamento em relações humanas”, a pessoa sente-se aceita, entende a linguagem do outro e encontra satisfação para uma área importante de suas necessidades. Estão em moda, porque correspondem à necessidade real.

A pergunta fundamental que se levanta, neste contexto, é se a nossa pastoral percebe esta necessidade do homem moderno? Se ela procura utilizá-la como sinal e meio de ação pastoral? Formulando sob outro ângulo, interroga-se: a estrutura paroquial atual, nas grandes cidades, é ainda o melhor sistema de comunicação e da vivência da mensagem cristã? Uma ou duas pessoas, o pároco e seu coadjutor, podem atingir efetivamente, no nível devido, 15 a 20 mil pessoas? Se tivessem 10 ou 20 colaboradores que se dedicassem quase que exclusivamente à atividade pastoral, parece que seria ainda insuficiente para uma atuação mais profunda. O trabalho com equipes de casais, as chamadas “comunidades de base”, com as comunidades de jovens, com as comunidades de cursilhistas ou com grupos semelhantes, exige bastante dedicação da parte do sacerdote. Habitualmente porém, a influência é duradoura, irradiadora. O engajamento torna-se pessoal. A religiosidade vaga mais facilmente se transforma numa autêntica fé cristã.

Como aumentar as vocações sacerdotais e/ou como formar os outros agentes pastorais para atuarem o mais possível neste nível de vivência cristã?

Não temos “resposta” para esta pergunta. Focalizamos este ponto porque a psico-sociologia religiosa mostrou que uma das razões por que as pessoas procuram o espiritismo, a umbanda ou mesmo

os grupos protestantes, decorre do fato que neles encontram um contato pessoal mais fácil e mais íntimo do que nas nossas paróquias grandes. Numa tenda espírita ou num terreiro, o pai de santo conhece todos os seus seguidores. Quando o grupo torna-se muito grande, uma parte se desliga, forma um novo centro. Sendo a organização estrutural e o preparo do "dirigente" menos exigente que na comunidade católica, a proliferação das tendas e dos terreiros é facilitada. Um indivíduo que chega do interior ou que se sente à margem da comunidade paroquial da grande cidade, porque a Igreja está longe ou porque nunca teve oportunidade de falar pessoalmente com o pároco, não tendo uma formação católica segura, facilmente encontrará alguma satisfação religiosa e ao mesmo tempo humana, num grupo menor, onde todos são (ou se chamam) "irmãos". Se desejamos evitar que nossos católicos se unam a grupos espíritas, umbandistas ou outras "seitas" (=secções) menores, não devemos refletir urgentemente sobre a estrutura das nossas comunidades religiosas, a fim de que possam ser centros de comunicação efetiva da vivência evangélica? Numa comunidade maior, que é a Igreja Católica no Estado da Guanabara, é indispensável o aspecto administrativo. Resta estudar como conciliar isto como a necessidade do homem que vive num ambiente massificado das grandes metrópoles. Para ele, a vivência dentro de um grupo que lhe possibilita o contato pessoal, deve proporcionar esta experiência. Por seu turno, esta alternativa constitui-se num sinal através do qual revelará o Amor de Deus que veio salvar todos os homens.

O imperativo de uma pastoral diferencial, de uma ação pastoral que toma em consideração as diferenças fundamentais existentes nos principais grupos que constituem a comunidade católica da Guanabara (e de suas unidades, das paróquias), é a última, se bem que não menos importante, das reflexões que se destacaram do inquérito. Diversas vezes foi mencionado o comportamento religioso divergente entre homens e mulheres, entre jovens e mais velhos, entre abastados e economicamente modestos. O anúncio da palavra durante a celebração litúrgica dominical ou mesmo o uso dos meios de comunicação social de massa, dificilmente corresponderá, portanto, às necessidades de grupos e subgrupos tão heterogêneos. Ele será importante de maneira geral, porque todos somos pessoas humanas, e porque nosso pertencer à comunidade católica deve também ter a sua expressão. Inúmeras vezes, porém, a mesma palavra para uma pessoa culta e jovem tem sentido bem diferente do que para um operário mais idoso. Apareceu mais uma razão para refletir sobre a estrutura fundamental da ação pastoral. Como poderia ser melhorada e completada a atividade das paróquias que hoje servem de unidade básica?

Alguns problemas foram levantados, cuja solução requererá muita oração, muita reflexão, bastante coragem e imenso amor a Cristo.

ANEXO I

O QUESTIONÁRIO

*Pesquisa sobre religiosidade*

O Departamento de Teologia da PUC (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO), a fim de colaborar no desenvolvimento religioso da Guanabara, está fazendo um levantamento sobre aspectos da vida religiosa da população. Por isso pede que você responda as seguintes perguntas, marcando com "X" no quadrinho correspondente ou escrevendo sua resposta, conforme o caso. — Não há resposta "certa" ou "errada"; o importante é responder o que você faz ou como você sente em relação à pergunta.

1. Você exprime sua religião:

- a) rezando diariamente suas orações ..... ( )
- b) indo à Igreja todos os domingos ..... ( )
- c) acompanhando procissões e peregrinações ..... ( )
- d) fazendo promessas ..... ( )
- e) lendo livros religiosos ..... ( )
- f) ou ..... ( )

2. Você pede a proteção de Deus ou dos Santos nos momentos difíceis da vida (p.ex., doença, desemprego, problema de família) sim ..... ( )

não ..... ( )

3. Quando você reza é:

- a) para conhecer a vontade de Deus ..... ( )
- b) porque tem costume de rezar ..... ( )
- c) para pedir ou agradecer uma graça ..... ( )
- d) porque quer exprimir sua devoção a algum santo . ( )
- e) para meditar na Sagrada Escritura a palavra de Deus ( )
- f) ou ..... ( )

4. Você tem devoção a algum santo? sim ..... ( )  
não ..... ( )

5. Como você exprime esta devoção? ..... ( )

6. Você indo à missa procura principalmente:
- a) cumprir o preceito dominical ..... ( )
  - b) orientar melhor sua vida conforme o Evangelho .. ( )
  - c) fazer suas orações ..... ( )
  - d) unir seus sacrifícios ao de Cristo e ao dos irmãos ( )
  - e) cumprir uma promessa ..... ( )
  - f) ou ..... ( )
7. Você comunga semanalmente ..... ( )
- uma ou outra vez por ano ..... ( )
  - quase nunca ..... ( )
  - não fez primeira comunhão ..... ( )
8. Quando você comunga é:
- a) para honrar os santos de sua devoção ..... ( )
  - b) porque você leu o convite de Cristo nos Evangelhos ( )
  - c) para pedir ou agradecer um benefício ..... ( )
  - d) para cumprir o preceito da Igreja ..... ( )
  - e) para unir-se mais a Cristo ..... ( )
  - f) ou ..... ( )
9. Você acha que as crianças devem ser batizadas:
- a) para ter a proteção de Deus ..... ( )
  - b) porque os Evangelhos dizem que todo homem deve ser batizado ..... ( )
  - c) porque em sua família todos são batizados ..... ( )
  - d) para que elas façam parte da Igreja ..... ( )
  - e) para honrar os santos ..... ( )
  - f) ou ..... ( )
10. Você lê a Bíblia ou Evangelhos habitualmente ..... ( )
- raramente ..... ( )
  - quase nunca ..... ( )
11. Você teve uma formação religiosa (p.ex., frequentou regularmente o catecismo, colégio religioso)? sim ..... ( )
- não ..... ( )
12. Sua formação religiosa durou mais de um ano ..... ( )
- cerca de um ano ..... ( )
  - menos de um ano .... ( )
13. Jesus Cristo é para você \_\_\_\_\_



## ANEXO II

### RECOMENDAÇÕES NA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

1 — Antes de iniciar a aplicação, escolher os quarteirões, edifícios, blocos ou casas onde o questionário será aplicado. Seja escolhido um edifício, bloco, etc., que provavelmente é habitado por pessoas que ganham mais de 2500 cruzeiros, um outro cujos habitantes se situam entre 500 e 2500, e um outro (talvez casa de cômodos, favela ou semelhante) onde moram pessoas que vivem de salário mínimo ou não muito mais.

No mesmo edifício, quarteirão, etc., sejam visitadas todas as moradias.

A proporção de renda provável seja aproximadamente a seguinte: até 20 dos interrogados pode ganhar mais de 2500 por mês, 40% até 2 salários mínimos, o resto 30-40% intermediários.

2 — Ao apresentar-se explicar, brevemente, que se trata de um levantamento, pesquisa, organizado pela Universidade Católica e pedir que respondam. Pode mencionar que é rápido, e se for perguntado ou sente que é difícil de assegurar a colaboração, que é anônimo.

Leve consigo lápis ou esferográfica, para facilitar o trabalho.

Entregue o questionário à pessoa, mas aguarde que ela o responda imediatamente; não deixe o questionário para "voltar e apanhar depois".

3 — Escolha, alternadamente, que seja respondido o questionário, uma vez pela dona da casa, outra vez pelo dono. Caso torne-se difícil que só responda uma pessoa, pode deixar que respondam diversos membros da família.

A fim de assegurar a presença do dono e da dona da casa o horário da visita seja, p.ex., sábado, domingo ou à noite.

Quando no mesmo apartamento moram diversas famílias, peça que alguém responda de cada uma delas.

Se há empregada(o), ela(ele) também pode responder.

4 — Anote o quarteirão, bloco, onde você aplicou o questionário. Anote também os casos onde foi recusado (quantas vezes, em que ambiente).

5 — Esteja à disposição daquele que responde o questionário, sem interferir nas respostas dele, sem influenciar.

Nos esclarecimentos a dar seja o mais “não diretivo” possível, dizendo, p.ex., se for perguntado no item “3”, “posso responder, marcar em diversos quadrinhos”? “se todos os casos são mais ou menos de igual importância para a Senhora (Senhor), sim — se não, indique o que é o mais habitual”, ou use uma forma de expressão semelhante. Na pergunta 4.ª se alguém pergunta: “Santo? Nossa Senhora?”, pode dizer que sim. Haverá algumas perguntas prejudicadas como a 5.ª se alguém respondeu “não” na 4.ª.

Se a pessoa quer fazer alguma observação sobre o questionário, anote-a.

6 — Recolhendo os questionários, guarde em separado os que vêm de quarteirões diferentes.

Verifique que todos os itens sejam respondidos, exceto se um ou outro for prejudicado.